

Catagado, Papua

~~55~~

154

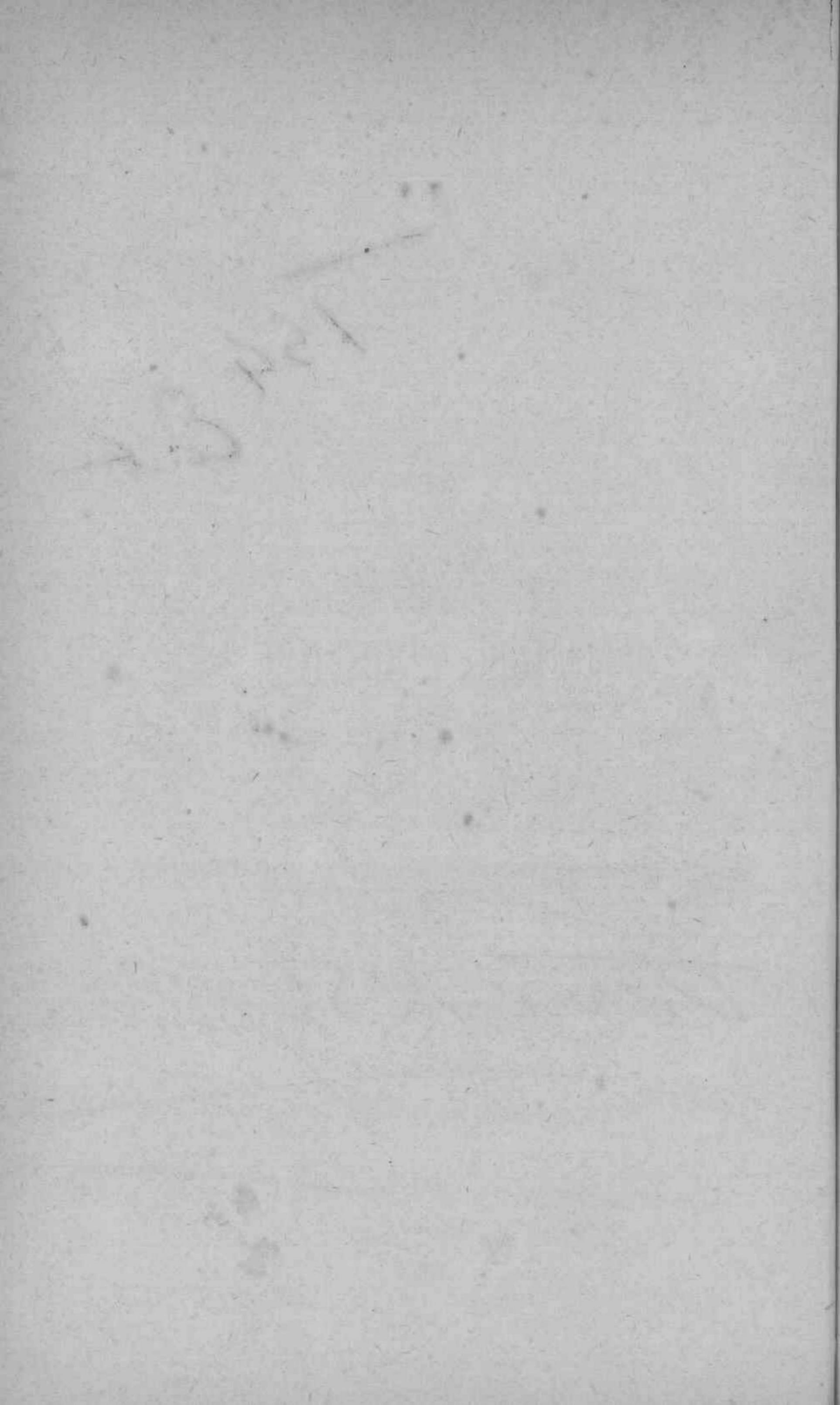
Est



ALMANAK AVEIRENSE



Verliva Sa Cunha

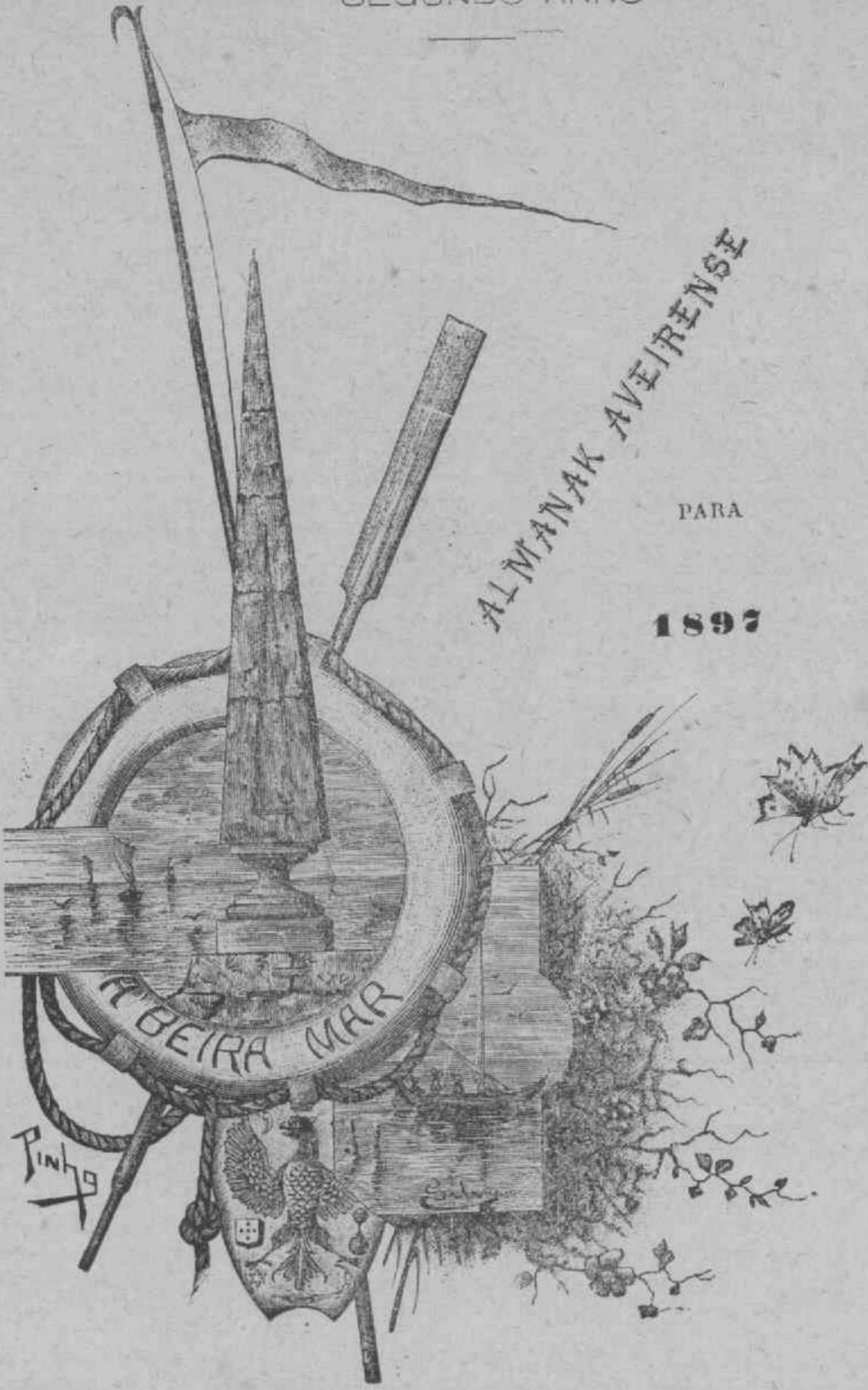


SEGUNDO ANNO

ALMANAK AVEIRENSE

PARA

1897





MINERVA CENTRAL

42—Rua dos Mercadores—46

AVEIRO

1896





SEBASTIÃO DE CARVALHO LIMA

(1821—1856—1896)

Todas as vezes que se fallar aqui de homens de valor dedicados aos melhoramentos d'esta cidade, distinctos por qualidades superiores de coração e de character, o nome de Sebastião de Carvalho Lima não será decerto esquecido.

Pelo contrario, será lembrado como benemerito, com respeito e saudade, entre os primeiros.

Nascido na extincta villa de Eixo em 1821, abandonou a terra natal aos 16 annos para ir procurar ao Brazil campo digno da sua

actividade e das esperanças que depunha nas canceiras do trabalho. A sorte foi-lhe propicia, coroando brilhantemente os seus projectos.

Em curto lapso de tempo, tendo lançado às bases a uma fortuna que entre nós foi das maiores, e contrahido um casamento que deu novo realce a essa fortuna, regressava à patria em 1856, empregava importantes capitães na compra de grandes propriedades rusticas, e pelos seus processos de administração se viu logo que ia em optimo caminho de alargar os seus haveres e de captar a estima e a sympathia publica. Assim succedeu com effeito.

Adquirindo, por compra, ao sr. Mendes Leite as ruínas do Convento do Carmo e a cerca annexa ahí começou a edificação do palacete que destinava a sua residencia e se concluiu em 1858. Desde então residiu em Aveiro, e pelos dotes do seu espirito e do seu character, tomou logar proeminente n'esse grupo illustre de que hoje resta apenas a memoria e a saudade: José Estevão, Mendes Leite, Bento de Magalhães, Bernardo de Magalhães, Agostinho Pinheiro, José Pereira de Carvalho. A politica, reconhecendo-lhe o valor e o merito, conquistou-o logo. Foi deputado e tel-ò-hia sido em repetidas legislaturas se a administração de sua casa, a educação dos filhos e o apego aos interesses locais, o não attrahissem de preferencia para aqui, onde por mais d'uma vez foi o braço direito de José Estevão, um dos seus amigos mais dedicados, um dos seus esteios mais poderosos.

Foi, tambem, por differentes vezes procurador á Junta Geral, e vogal do Conselho de Districto, merecendo-lhe, n'esses cargos, os interesses geraes, os mais serios cuidados.

Foi um dos fundadores da Caixa Economica de Aveiro, (1857); e na qualidade de Presidente da Direcção d'este estabelecimento e seu Thesoureiro, evidenciou as suas raras qualidades administrativas em instituições d'esta ordem, salvando (1885) com o seu nome e com o seu tino d'um desastre eminente, esse monumento, o mais notavel da iniciativa local e que tão importantes serviços tem prestado á cidade, ao concelho e ao districto, contra a usura immoderada.

Na presidencia da Camara, para onde entrou em 1867, e para que foi reeleito até 1884, prestou á cidade e ao conselho relevantes serviços. Por sua intelligente economia, por sua isempção em todos os negocios do municipio, mereceu applausos, cujo ecco se não extinguiu ainda. Deve-se á sua iniciativa a Escola da Vera-Cruz; o alargamento e regularisação da rua Direita e da rua de José Estevão; a restauração das ruas de Sã, de S. Sebastião e da Malhada; as estradas da Cruz Alta, em S. Bernardo, á Oliveirinha, e da Oliveirinha a Eixo; a de S. Bento á Povoia e Nariz; a da Vessada e de Verdemilho; as reparações do edificio do tribunal e da camara, etc.

No tracto familiar era um excellente conversador e apreciavel amigo. Tinha uma instrução vasta e variada, collidas na propria reflexão e estudo, e rara habilidade de captar a estima de todos os que o procuravam.

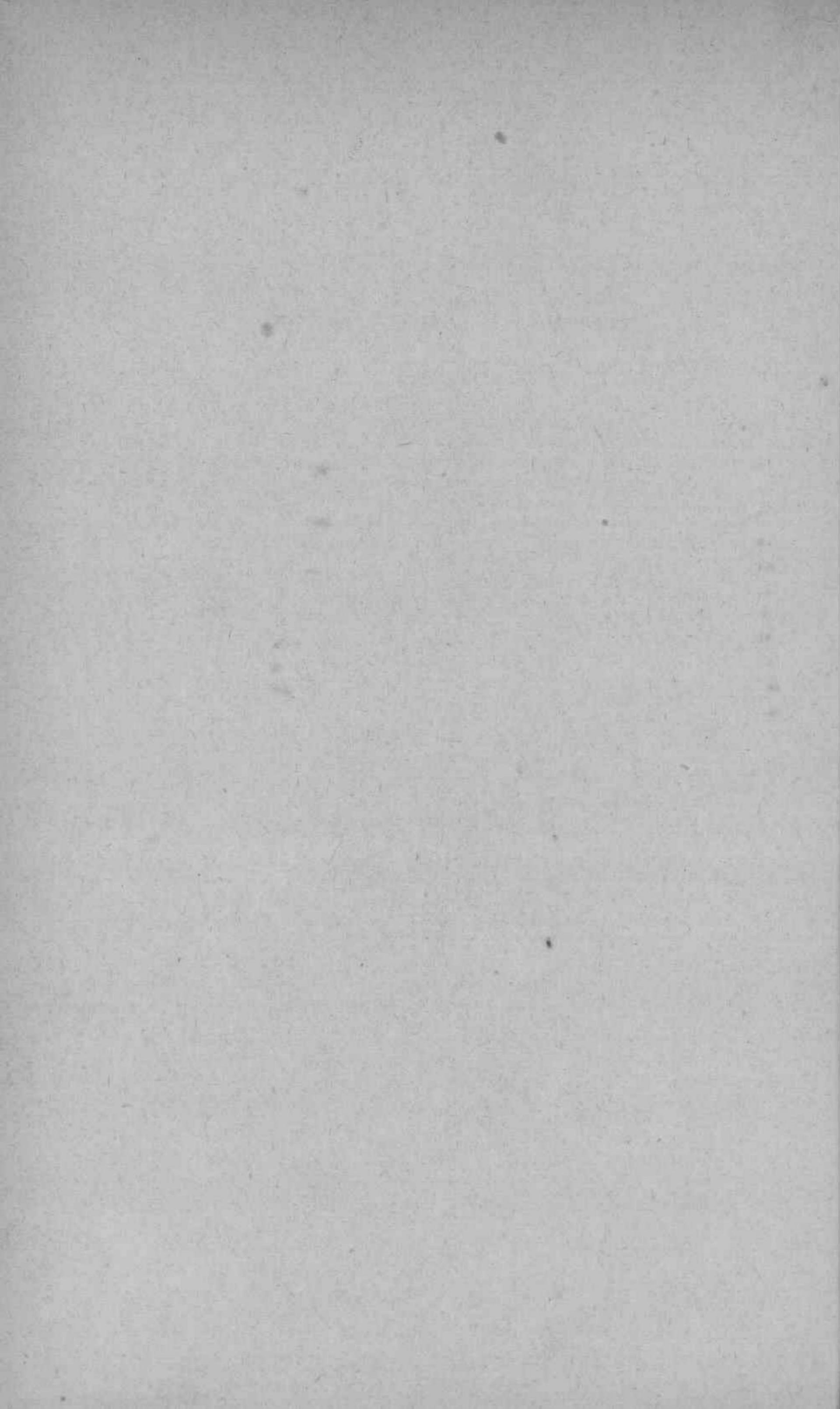
Foi, pois, em Aveiro e no districto uma figura proeminente, alliando aos recursos da fortuna os da propria intelligencia, e comprazendo-se em ver rodeados da estima publica aquelles a quem legára o nome honrado e benemerito: D. Lucila Carmina, casada;

em Lisboa, com o sr. Manuel Joaquim Alves Diniz, um dos mais abastados proprietários da capital; D. Zulmira, casada com o sr. dr. Julio Henriques, lente de Philosophia e director do Jardim Botânico; Magalhães Lima, o illustre redactor principal do *Século*, publicista insigne; e Jayme de Magalhães Lima, escriptor erudito, deputado da nação, etc., a quem a cidade tributa o merecido respeito e particular affecto.

Ha annos, os primeiros rebates da enfermidade que o levou á sepultura, haviam-no retirado á intimidade do lar e á convivência de amigos que muito apreciavam os fulgores do seu esclarecido espirito e as lições da sua distincta experiencia. Foi n'esse doce consorcio que a morte o victimou em 22 de março de 1896. O seu trespasse foi immensamente sentido e lamentado como uma grande perda. O seu funeral foi uma das manifestações de consideração e estima publica mais assignaladas que Aveiro tem visto.

Por isso, póde affoitamente assegurar-se que, todas as vezes que se fallar aqui de homens de valor e de inconcussa probidade, devotados aos melhoramentos e progresso de Aveiro, o nome de Sebastião de Carvalho não será esquecido, mas lembrado entre os primeiros com merecido respeito e intensa saudade.





Decifrações do Almanak de 1896

CHARADAS

- | | |
|---------------|------------------|
| 1—Lamiré. | 12—Fado, — |
| 2—Macella. | 13—Vinho. — |
| 3—Calendario. | 14—Cama. — |
| 4—Secretaria. | 15—Lacaio. — |
| 5—Camisa. | 16—Acacia. — |
| 6—Salsa. | 17—Machina. — |
| 7—Primavera. | 18—Christovão. — |
| 8—Sólfa. | 19—Sermão. — |
| 9—Egual. | 20—Rebeca. — |
| 10—Dominó. | 21—Girasol. — |
| 11—Ratoeira. | |

LOGOGRIPOS

- 1—Americo
- 2—Ilhavo
- 3—Desvanecimento

ENIGMA

— Quem mais faz menos merece

QUEBRA CABEÇAS

— Amor com amor se paga



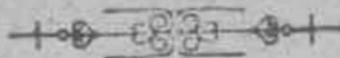
BRAZIL

Na capital d'esta Republica, é nosso unico correspondente o Ex.^{mo} Sr. Antonio da Silva Mello Guimarães, rua da Quitanda, n.º 45, a quem todas as pessoas que desejarem fazer aquisição do ALMANAK, poderão dirigir os seus pedidos.

E' egualmente nosso correspondente, em S. José de Ubá, na mesma Republica, o Ex.^{mo} Sr. David Marques Vieira, aonde do mesmo modo poderão ser dirigidos os pedidos de ALMANAKS.



Signaes de incendio de Aveiro



GLORIA

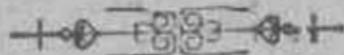
- 4—Alboi e Santos Martyres.
- 5—Espirito Santo, Cimo de Villa Rato, Olarias e Bairro Novo.
- 6—Centro da freguezia.

VERA-CRUZ

- 7—Pescadeiras.
- 8—Gravito, Sã e Estação.
- 9—Centro da freguezia.
- 2—Chamar bombeiros a quartel.



Signaes de incendio d'Ilhavo



- 4—Malhada, Alqueidão, Rua de José Estevão, Rua de Vasco da Gama, Lagoa e Casal.
- 5—Rua Nova, Rua Serpa Pinto, João de Deus e Arnal.
- 6—Rua de Camões, Rua de St.º Antonio, Praça, Rua Direita, Fontoura e Cimo de Villa.

- 7—Chousa Velha, Apeada, Vista-Alegre e Soalhal.
- 8—Ermida e Carvalheira.
- 9—Valle d'Ilhavo e Moutas.
- 10—Moutinhos, Preza e Legua.
- 11—Corgo-Commum, Coutada e Ribas.
- 2—Chamar bombeiros a quartel.



CHRONOLOGIA



COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.....	17
Indicação romana ...	10
Cyclo solar.....	2
Letra dominical.....	C
Epacta.....	XXVI

TEMPORAS

Março.....	10, 12 e 13
Junho.....	9, 11 e 12
Setembro...	15, 17 e 18
Dezembro...	15, 17 e 18

FESTAS MOVEIS

Septuagesima a 14 de fev.
Cinza a 3 de março.
Paschoa a 18 de abril.
Ladainhas a 24, 25 e 26 de maio.
Pentecostes a 6 de junho.
SS. Trindade a 13 de junho.
Corpo de Deus a 17 de junho.
Coração de Jesus a 25 de junho.
Domingo 1.º do advento a 28 de novembro.

ESTAÇÕES

Primavera a 20 de março.
Estio a 20 de junho.
Outomno a 22 de setembro.
Inverno a 21 de dezembro.

BENÇÃOS MATRIMONIAES

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até ao primeiro domingo depois da Paschoa, e desde a 1.ª dominga do Advento até dia de Reis, em que são prohibidas.

ECLIPSES DO ANNO

No anno de 1897 haverá dois eclipses, sendo ambos do sol.

1.º eclipse annular do sol no dia 1 de fevereiro, invisível em Aveiro.

Começa o eclipse ás 4 h. e 46 m. da tarde.

2.º eclipse annular do sol no dia 19 de julho, invisível em Aveiro.

Começa o eclipse ás 12 h. e 25 m. da tarde.

JANEIRO—31 Dias

- 1 Sexta ✠ Circumcisão do Senhor. S. Fulgencio B. de Ruspe. Grande Gala.
- 2 Sabbado. S. Izidoro, B. M.
- 3 Domingo. S. Anthero, P. S. Aprigio, B.
- 4 Segunda. S. Gregoçio, B. S. Tito.—☉ Lua nova, ás 4 horas e 15 minutos da manhã.
- 5 Terça. S. Simeão Estelita.
- 6 Quarta. ✠ Os Santos Reis Magos.
- 7 Quinta. S. Theodoro, monge.
- 8 Sexta. S. Lourenço Justiniano.
- 9 Sabbado. S. Julião.
- 10 Domingo. N. Senhora de Jesus. S. Gonçalo d'Amarante.
- 11 Segunda. S. Hygino, P. M.
- 12 Terça. S. Satyro, M. S. Taciana, M.—☽ Q. crescente ás 6 horas e 50 minutos da manhã.
- 13 Quarta. S. Hilario, B.
- 14 Quinta. S. Felix, M.
- 15 Sexta. Santo Amaro, Ab.
- 16 Sabbado. Os Ss. Martyres de Marrocos. Festa em Travassô.
- 17 Domingo. S. Antão, Ab.
- 18 Segunda. A Cad. de S. Pedro em Roma. S. Prisca.—☾ Lua cheia ás 11 horas e 12 minutos da noite.
- 19 Terça. S. Canuto, rei.
- 20 Quarta. S. Sebastião, M. Festa em Sâ no dia 24.
- 21 Quinta. S. Ignez, V. M.
- 22 Sexta. S. Vicente, M.
- 23 Sabbado. Os Desposorios de N. Senhora com S. José.
- 24 Domingo. N. Senhora da Paz. S. Timotheo, B.
- 25 Segunda. A Conv. de S. Paulo, Ap.—☾ Q. mingunte ás 8 horas e 10 minutos da tarde.
- 26 Terça. S. Polycarpo, B. M. S. Paula.
- 27 Quarta. S. João Chrysostomo, B.
- 28 Quinta. Trasladação de S. Thomaz d'Aquino.
- 29 Sexta. S. Francisco de Salles, B.
- 30 Sabbado. S. Martinha, V. M.
- 31 Domingo. S. Pedro Nolasco.



FEVEREIRO—28 Dias

- 1 Segunda. S. Ignacio, B. M. S. Brizida, V.
- 2 Terça. ✠ Purificação de Nossa Senhora. Festa na Igreja da Apresentação.
- 3 Quarta. S. Braz, M. B.—☉ L. nova às 5 h e 30 m. da m.
- 4 Quinta. S. André Corsino, B. S. André de Leonissa, F.
- 5 Sexta. S. Agueda, V. M.
- 6 Sabbado. As Chagas de Christo, S. Dorothea, V. M.
- 7 Domingo. S. Romualdo, Ab. S. Ricardo.
- 8 Segunda. S. João da Matta.
- 9 Terça. S. Apolonia, V. M.
- 10 Quarta. S. Escolastica, V. S.—☾ Q. crescente às 7 horas e 5 minutos da manhã.
- 11 Quinta. S. Lazaro, B.
- 12 Sexta. S. Eulalia, V. M.
- 13 Sabbado. S. Gregorio II, P. S. Catharina de Ricci.
- 14 Domingo da Septuagessima. S. Valentim.
- 15 Segunda. S. Faustino e S. Jovita.
- 16 Terça. S. Porfirio, M.
- 17 Quarta. S. Faustino. — ☽ Lua cheia às 10 horas e 10 minutos da manhã.
- 18 Quinta. S. Theotonio.
- 19 Sexta. B. Conrado, F.
- 20 Sabbado. S. Eleuterio, B.
- 21 Domingo da Sexagessima. S. Maximiano, B. S. Angela de Mericia, V.
- 22 Segunda. A cadeira de S. Pedro em Antioquia. Santa Margarida.
- 23 Terça. S. Pedro Damião, B.
- 24 Quarta. S. Mathias, Ap. — ☽ Q. mingunte á 1 hora e 10 minutos da tarde.
- 25 Quinta. S. Cesario.
- 26 Sexta. S. Torquato, M., Arcebispo de Braga.
- 27 Sabbado. S. Leandro, Arcebispo de Sevilha.
- 28 Domingo da Quinquagessima. S. Romão, Ab.

**CHARADA N.º 1 (Novissima)**

Esta pedra com este panno andam no arado—?—?

MARÇO—31 Dias

- 1 Segunda. S. Adrião, M. S. Rozendo.
- 2 Terça-feira de Entrudo.
- 3 Quarta-feira de Cinza. S. Marinho.
- 4 Quinta. S. Casimiro, S. Lucio.—☉ Lua nova, à 1 hora e 40 minutos da tarde.
- 5 Sexta. S. Theophilo, B.
- 6 Sabbado. S. Ollegario, B. S. Coleta.
- 7 Domingo (1.º da Quaresma). S. Thomaz d'Aquino.
- 8 Segunda. S. João de Deus.
- 9 Terça. S. Francisca Romana, viuva.
- 10 Quarta. S. Militão e 39 Cc. Mm.
- 11 Quinta. S. Candido, M.
- 12 Sexta. S. Gregorio, P.—☽ Q. c. às 4 h. e 5 m. da m.
- 13 Sabbado. A. B. Sancha, V.
- 14 Domingo de Passos (2.º da Quaresma). S. Matilde, R.
- 15 Segunda. S. Zacharias, P. S. Longuinho.
- 16 Terça. S. Cypriano, M.
- 17 Quarta. S. Patricio, Ap. S. Gertrudes, V.
- 18 Quinta. S. Gabriel Archanjo.—☽ Lua cheia às 7 horas e 10 minutos da tarde.
- 19 Sexta. ✠ S. José, esposo de Nossa Senhora. Feira annual de madeiras em Aveiro.
- 20 Sabbado. S. Martinho Dumiense. Começa a

PRIMAVERA

- 21 Domingo (3.º da Quaresma). S. Bento, Ab. Faz 10 annos S. A. R. o principe D. Luiz Filippe. Grande gala.
- 22 Segunda. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio.
- 23 Terça. S. Felix e seus Cc. Mm.
- 24 Quarta. Instituição do Santissimo Sacramento.
- 25 Quinta. ✠ Anunciação de Nossa Senhora. Abertura da importante feira de Março.
- 26 Sexta. S. Ludgero, B. S. Theodoro, B. M. — ☾ Quarto mingunte às 8 horas e 50 minutos da manhã.
- 27 Sabbado. S. Roberto, B. S. Augusta.
- 28 Domingo (4.º da Quaresma). S. Alexandre, M.
- 29 Segunda. S. Victorino e seus Cc. Mm.
- 30 Terça. S. João Climaco.
- 31 Quarta. S. Benjamim, M. S. Balbina, V.

ABRIL—30 Dias

- 1 Quinta. S. Macario. Dia de enganoso.
- 2 Sexta. S. Francisco de Paula. S. Maria Egypciana.
- 3 Sabbado. S. Pancrácio, B. M. S. Ricardo.—☉ Lua nova às 9 horas e 42 minutos da manhã.
- 4 Domingo da Paixão. S. Izidro, Arc. de Sevilha.
- 5 Segunda. S. Vicente Ferrer, D.
- 6 Terça. S. Marcellino, M.
- 7 Quarta. S. Epifanio, B. M.
- 8 Quinta. S. Amancio, B.
- 9 Sexta. Trasladação de Santa Monica.
- 10 Sabbado. S. Ezequiel Profeta. — ☽ Q. crescente às 10 horas e 47 minutos.
- 11 Domingo de Ramos. S. Leão, I. P.
- 12 Segunda. S. Victor, M. Portuguez.
- 13 Terça. S. Hermenegildo, M.
- 14 Quarta-feira de Trevas. Os Ss. Tiburcio e Valeriano.
- 15 Quinta-feira de Endoenças (☒ do meio dia em diante).
- 16 Sexta-feira da Paixão (☒ até ao meio dia).
- 17 Sabbado de Alleluia. S. Aniceto. S. Elias, monge, Port. — ☽ Lua cheia às 8 horas e 30 minutos.
- 18 Domingo de Paschoa.
- 19 Segunda. S. Hermogenes, M.
- 20 Terça. S. Ignez de Montepoliciano, V.
- 21 Quarta. S. Anselmo, Arc. de Cantuaria.
- 22 Quinta. Os Ss. Sotero e Caio Mm.
- 23 Sexta. S. Jorge, M. defensor do Reino.
- 24 Sabbado. S. Fiel e S. Honorio.
- 25 Domingo de Paschoela. Festa da Senhora do Alamo na sua capella ao lado norte da estrada de Esgueira, S. Marcos, Evangelista.—☾ Q. minguante às 4 h. e 11 m.
- 26 Segunda. S. Pedro de Rates. Principiam as sextas.
- 27 Terça. S. Tertuliano, B. S. Turibio, Arc.
- 28 Quarta. S. Vital M. S. Prudencio, B.
- 29 Quinta. S. Pedro, M. D. S. Antonia, V. Outhorga da carta Constitucional. Grande gala.
- 30 Sexta. S. Catharina de Sena.

— 2
— 3

1
1
1
3
2

2

18



MAIO—31 Dias

- 3 1 Sabbado. S. Philippe. Começam os exercicios do mez de Maria na egreja de Jesus.
- 2 Domingo. S. Athanasio. Maternidade de Nossa Senhora. —☉ Lua nova as 9 horas e 30 minutos da tarde.
- 3 3 Segunda. Nossa Senhora dos Prazeres e da Pena. Invenção da Santa Cruz.
- 2 4 Terça. S. Monica, mãe de S. Agostinho.
- 13 5 Quarta. Conversão de S. Agostinho.
- 13 6 Quinta. S. João *ante-portam latinam*.
- 12 7 Sexta. S. Estanislau, B. S. Augusto. Principiam as novenas de Santa Joanna na egreja de Jesus.
- 13 8 Sabbado. Aparição de S. Miguel Archanjo.
- 9 Domingo. S. Gregorio N.—☉ Q. cr. às 4 h. e 25 m. t.
- 13 10 Segunda. S. Antonino, Arc. de Florença.
- 12 11 Terça S. Anastacio, M.
- 13 12 Quarta. S. Joanna Princeza de Portugal, padroeira de Aveiro. Festa na Egreja de Jesus e procissão no dia 16.
- 3 13 Quinta. Nossa Senhora dos Martyres. S. Pedro Regalado.
- 12 14 Sexta. S. Gil, M. S. Bonifacio, M.
- 3 15 Sabbado. S. Izidro, lavrador.
- 16 Domingo. S. João Nepom.—☉ L. ch, às 8 h. e 35 m. t.
- 3 17 Segunda. S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio.
- 2 18 Terça. S. Venancio, M. S. Erico.
- 3 19 Quarta. S. Pedro Celestino. S. Ivo.
- 3 20 Quinta. S. Bernardino de Sena, Fr.
- 12 21 Sexta. S. Manços, M.
- 3 22 Sabbado. S. Rita de Cassia. Anniversario do consorcio de S. M. El-Rei D. Carlos. Pequena gala.
- 23 Domingo. S. Basilio, Arc. S. Desiderio. Festa do Senhor Jesus na Egreja de Nossa Senhora da Gloria.
- 3 24 Segunda. S. Afra, M.—☉ Q. m. às 10 h. e 30 m. da t.
- 12 25 Terça. S. Gregorio. S. Maria Magdalena.
- 3 26 Quarta. S. Philippe Nery.
- 3 27 Quinta. ✠ Ascenção do Senhor.
- 2 28 Sexta. S. Germano, B.
- 3 29 Sabbado. S. Maximo, B. S. Theodosia.
- 30 Domingo. S. Fernando, rei. Festa em terminação do mez de Maria na Egreja de Jesus.
- 3 31 Segunda, S. Petronilla, Y.

JUNHO—30 Dias

- 2 1 Terça. S. Firmino, M. S. Fortunato.—☉ Lua nova às 6 horas e 26 minutos.
 3 2 Quarta. S. Marcellino, M.
 3 3 Quinta. S. Paulo, S. Ovidio.
 -2 4 Sexta. S. Francisco Caraciolo, S. Quirino.
 3 5 Sabbado. S. Marciano, S. Bonifacio.
 6 Domingo do Espirito Santo, S. Norberto, B. S. Paulino, V.
 3 7 Segunda. S. Roberto, Ab. — ☾ Q. crescente às 10 horas e 16 minutos da tarde.
 -2 8 Terça. S. Salustiano, S. Severino.
 3 9 Quarta. Os Ss. Primo e Feliciano.
 3 10 Quinta. S. Margarida, rainha.
 -2 11 Sexta. S. Barnabé, Ap.
 3 12 Sabbado. S. João de S. Fagundo, A.
 13 Domingo da Santissima Trindade. S. Antonio de Lisboa. Festa na sua Igreja, proximo do Passeio publico.
 3 14 Segunda. S. Basilio Magno.
 -2 15 Terça. S. Vito, M.—☉ Lua cheia às 9 h. e 45 m.
 3 16 Quarta. S. Francisco Regis, S. Aureliano.
 3 17 Quinta. ✠ Corpo de Deus.
 -2 18 Sexta. Os Ss. Marcos e Marcellino.
 3 19 Sabbado. S. Juliana de Falconeri, S. Gervasio.
 20 Domingo. S. Silverio, P. M.
 3 21 Segunda. S. Luiz Gonzaga. Começa o

ESTIO

- 2 22 Terça. S. Paulino, B. O B. Filippe de Placencia.
 3 23 Quarta. S. João Sacerdote.—☽ Q. ming. às 2 h. da t.
 3 24 Quinta. ✠ Nascimento de S. João Baptista.
 3 25 Sexta. ✠ O Santissimo Coração de Jesus.
 3 26 Sabbado. Os Ss. João e Paulo.
 27 Domingo. S. Ladislau, rei da Hungria. N. S. Mãe de Deus.
 3 28 Segunda. S. Leão II. S. Ernesto, V.
 3 29 Terça. ✠ S. Pedró e S. Paulo, App.
 3 30 Quarta. S. Marçal, B.—☉ L. nova, às 2 h. e 10 m. da t.

CHARADA N.º 2 (Novissima)

Creada n'esta armadilha é esta planta - 2--2

JULHO—31 Dias

- 3 1 Quinta. S. Theodorico, Ab.
 2 2 Sexta. Visitação de Nossa Senhora.
 3 3 Sabbado. S. Jacintho, M. S. Heliodoro, B.
 4 Domingo. S. Izabel, rainha de Portugal.
 3 5 Segunda. S. Athanasio. S. Miguel dos Santos.
 2 6 Terça. S. Domingos, V. M.
 3 7 Quarta. S. Pulcheria, V.—☾ Q. crescente as 5 horas e 20 minutos da manhã.
 3 8 Quinta. S. Procopio, M. O B. Lourenço de Brundusio.
 2 9 Sexta. S. Cyrillo, B.
 3 10 Sabbado. S. Januario e seus Cc. S. Amélia, V.
 11 Domingo. N. Senhora do Patrocínio.
 3 12 Segunda. S. João Gualberto, Ab. Festa de Corpus Christi na Igreja de Nossa Senhora da Gloria.
 2 13 Terça. S. Anacleto, P. M.
 3 14 Quarta. S. Boaventura, B.
 3 15 Quinta. S. Camillo de Lellis. S. Henrique, Imp.—☽ Lua cheia, as 12 horas e 30 minutos da manhã.
 2 16 Sexta. N. S. do Monte do Carmo. S. Sizenando.
 3 17 Sabbado. S. Aleixo.
 18 Domingo. Santa Marinha.
 3 19 Segunda. As Ss. Justa e Rufina.
 2 20 Terça. S. Elias, S. Margarida.
 3 21 Quarta. S. Praxedes, V.
 3 22 Quinta. S. Maria Magdalena.
 2 23 Sexta. S. Apollinario. S. Liborio, B.—☾ Q. minguante as 2 horas e 50 minutos.
 3 24 Sabbado. S. Christina, V.
 25 Domingo. Sant'Anna. S. Thiago. S. Christovão, M.
 3 26 Segunda. S. Symphronio.
 2 27 Terça. S. Pantaleão, medico.
 3 28 Quarta. S. Innocencio, P.
 3 29 Quinta. S. Martha, V. — ☽ Lua nova, as 9 horas e 10 minutos da tarde.
 2 30 Sexta. S. Rufino, M.
 3 31 Sabbado. S. Ignacio de Loyola. Faz 32 annos S. A. o Infante D. Alfonso. Juramento da Carta Constitucional. Grande gala.

AGOSTO—31 Dias

- 1 Domingo. S. Pedro *ad vincula*.
- 2 Segunda. Nossa Senhora dos Anjos. S. Estevão, M.
- 3 Terça. Invenção de Santo Estevão.
- 4 Quarta. S. Domingos.
- 5 Quinta. Nossa Senhora das Neves.—☾ Q. crescente às 2 horas e 50 minutos da tarde.
- 6 Sexta. Transfiguração de Christo. S. Thyago.
- 7 Sabbado. S. Caetano. S. Alberto. S. Severino, M.
- 8 Domingo. S. Cyriaco e seus Cc. Mm.
- 9 Segunda. S. Romão, M.
- 10 Terça. S. Lourenço. S. Philomena.
- 11 Quarta. Os Ss. Tiburcio e Susana.
- 12 Quinta. S. Clara, V. Anniversario da inauguração da estatua de José Estevão (1889).
- 13 Sexta. Os Ss. Hypolito e Cassiano. S. Helena, V. — ☽ Lua cheia, às 4 horas da tarde.
- 14 Sabbado. S. Eusebio. S. Athanasia.
- 15 Domingo. Assumpção de Nossa Senhora.
- 16 Segunda. S. Roque.
- 17 Terça. S. Mamede, D.
- 18 Quarta. Santa Clara de Monte Falco.
- 19 Quinta. S. Luiz, B.
- 20 Sexta. S. Bernardo, Ab.
- 21 Sabbado. S. Joanna Francisca. S. Anastacio. — ☽ Q. mingunte à 1 e 15 minutos da tarde.
- 22 Domingo. O Sagrado Coração de Maria. Festa na Igreja de Jesus.
- 23 Segunda. S. Filippe Benicio.
- 24 Terça. S. Bartholomeu, Ap.
- 25 Quarta. S. Luiz, rei de França.
- 26 Quinta. S. Zeferino, P. M.
- 27 Sexta. S. José de Calazans. S. Rufo.
- 28 Sabbado. S. Agostinho, B.—☽ Lua nova, às 4 horas e 40 minutos.
- 29 Domingo. S. Sabino. Festa de Nossa Senhora de Nazareth, na Gafanha.
- 30 Segunda. S. Rosa de Lima, V.
- 31 Terça. S. Raymundo Nonato.

SETEMBRO—30 Dias

- 1 Quarta. S. Egidio, Ab. Principiam as férias.
 - 2 Quinta. S. Estevão, rei da Hungria. S. Brocado, C.
 - 3 Sexta. S. Eufemia, V.
 - 4 Sabbado. S. Rosa de Vit.—☾ Q. cr. às 3 h. e 20 m. t.
 - 5 Domingo. S. Antonio, M.
 - 6 Segunda. S. Libania, V.
 - 7 Terça. S. Anastacio, M.
 - 8 Quarta. Natividade de N. Senhora. Festa à Senhora das Febres na capella de S. Roque. Acabam as sestas.
 - 9 Quinta. S. Sergio, B.
 - 10 Sexta. S. Nicolau Tolentino.
 - 11 Sabbado. S. Theodora Penitente.
 - 12 Domingo. S. Anna, V. M.—☽ Lua cheia, às 8 h. da m. Festa à Senhora d'Ajuda na sua capella proximo do Passeio publico.
 - 13 Segunda. S. Filippe, M.
 - 14 Terça. Exaltação da Santa Cruz.
 - 15 Quarta. S. Domingos em Soriano.
 - 16 Quinta. Os Ss. Cornelio e Cypriano, Mm.
 - 17 Sexta. S. Pedro d'Arbues. As chagas de S. Francisco.
 - 18 Sabbado. S. José de Cupertino, F.
 - 19 Domingo. S. Januario. As Dores de Nossa Senhora.—☽ Q. minguate às 9 horas e 30 minutos da tarde. Festa na praia de S. Jacintho à Senhora das Areias.
 - 20 Segunda. S. Eustaquio e seus Cc.
 - 21 Terça. S. Matheus.
 - 22 Quarta. S. Mauricio e seus Cc. Apost. e Evang.
 - 23 Quinta. S. Lino. S. Tecla. Começa o
- CUTOMNO**
- 24 Sexta. Nossa Senhora das Mercês.
 - 25 Sabbado. S. Firmino. S. Herculano.
 - 26 Domingo. Os Ss. Cypriano e Justina, Mm.—☽ L. nova à 1 h. e 20 da t.—Festa à S. da Saude na Costa Nova.
 - 27 Segunda. Os Ss. Cosme e Damião, Mm. Festa a Senhora dos Navegantes na praia da Barra d'Aveiro.
 - 28 Terça. S. Wenceslau. Faz 34 annos S. M. El-Rei D. Carlos e 32 S. M. a Rainha D. Amelia. Grande gala.
 - 29 Quarta. S. Miguel Archanjo.
 - 30 Quinta. S. Jeronymo. Acabam as férias.

OUTUBRO — 31 Dias

- 1 Sexta. Os Ss. Verissimo, Maximo e Julia.
- 2 Sabbado. Os Anjos da Guarda.
- 3 Domingo. S. Candido, M. S. Maximo. — ☾ Quarto crescente às 8 horas da tarde.
- 4 Segunda. S. Francisco d'Assis.
- 5 Terça. S. Placido e seus Cc.
- 6 Quarta. S. Bruno.
- 7 Quinta. S. Marcos, P. S. Matheus, D.
- 8 Sexta. S. Brigida, Viuva.
- 9 Sabbado. S. Dionysio, B.
- 10 Domingo. N. Senhora dos Remedios.
- 11 Segunda. S. Firmino — ☽ L. cheia as 11 e 18 m. da n.
- 12 Terça. S. Cypriano, S. Serafim, F.
- 13 Quarta. S. Eduardo, S. Daniel.
- 14 Quinta. S. Calisto, S. Gaudencio.
- 15 Sexta. S. Thereza de Jesus.
- 16 Sabbado. S. Martiniano, M. A. Faz 50 annos S. M. a Rainha D. Maria Pia. Grande gala.
- 17 Domingo. S. Hedwiges, Viuva.
- 18 Segunda. S. Lucas Evangelista.
- 19 Terça. S. Pedro d'Alcantara. Anniversario do obito de S. M. El-rei D. Luiz (1889) — ☽ Q. m. às 5 h. e 10 da m.
- 20 Quarta. S. Iria V. S. João Concio.
- 21 Quinta. S. Ursula e suas Cc.
- 22 Sexta. S. Maria Salomé.
- 23 Sabbado. S. João de Capistrano.
- 24 Domingo. S. Raphael Archanjo. S. Fortunato.
- 25 Segunda. Os Ss. Chrispim e Chrispiniano. — ☽ Lua nova as 12 h. da tarde.
- 26 Terça. S. Evaristo, P. S. Sebriano e seus Cc.
- 27 Quarta. S. Elesbão, imperador.
- 28 Quinta. S. Simão e S. Judas, S. Thaden, Ap.
- 29 Sexta. Traladacão de S. Isabel, rainha de Portugal.
- 30 Sabbado S. Serapião, B.
- 31 Domingo. S. Quintino, M.



CHARADA N.º 3 (Novissima)

Na Grecia, corria este homem—2—2

NOVEMBRO—30 Dias

- 1 Segunda. ✠ Festa de todos os Santos.
- 2 Terça. Commemoração dos Fieis Defuntos, S. Victorino.
—☾ Q. crescente as 3 horas e 50 minutos da tarde.
- 3 Quarta. S. Malaquias, B.
- 4 Quinta. S. Carlos Borromeu.
- 5 Sexta. S. Zacharias e S. Izabel.
- 6 Sabbado. S. Severo, S. Leonardo.
- 7 Domingo. S. Florencio. Patrocínio de Nossa Senhora.
- 8 Segunda. S. Severino e seus Ce.
- 9 Terça. S. Theodoro, M.
- 10 Quarta. S. André Avellino, S. Florencio. — ☽ Lua cheia á 1 hora e 3 minutos da tarde.
- 11 Quinta. S. Martinho, B.
- 12 Sexta. S. Martinho, S. Diogo.
- 13 Sabbado. S. Eugenio, B.
- 14 Domingo. Trasladação de S. Paulo, 1.º Erm.
- 15 Segunda. Dedicacão da Real Basilica do Santissimo Coração de Jesus.
- 16 Terça. S. Valerio, M. O Beato Gonçalo de Lagos.
- 17 Quarta. S. Gregorio Thaumaturgo, B. — ☾ Q. minguante ás 12 horas e 30 minutos.
- 18 Quinta. S. Romão, M.
- 19 Sexta. S. Izabel, rainha da Hungria.
- 20 Sabbado. S. Felix de Valois.
- 21 Domingo. Apresentação de Nossa Senhora.
- 22 Segunda. Santa Cecilia, V. M.
- 23 Terça. S. Clemente, S. Felicidade.
- 24 Quarta. S. João da Cruz. — ☽ Lua nova á 1 hora e 10 minutos da tarde.
- 25 Quinta. Santa Catharina, V.
- 26 Sexta. S. Pedro Alexandrino, A. S. Delphina, V.
- 27 Sabbado. S. Margarida de Saboia.
- 28 Domingo (1.º do Advento). S. Gregorio, M.
- 29 Segunda. S. Saturnino.
- 30 Terça. S. André, Ap.

—❦—

CHARADA N.º 4 (Novissima)

Aqui este oriental de Cabo anda em navio—1—1—1

DEZEMBRO—31 Dias

- 1 Quarta. S. Eloy, B. Anniversario da independencia de Portugal (1640).
- 2 Quinta. S. Bibiana, V.—☾ Q. crese. à 1 h. e 15 da t.
- 3 Sexta. S. Francisco Xavier.
- 4 Sabbado. S. Barbara, V. S. Pedro Crysologo, B.
- 5 Domingo (2.º do Advento). S. Giraldo, Arc. de Braga.
- 6 Segunda. S. Nicolau, B.
- 7 Terça. S. Ambrosio, B.
- 8 Quarta. ✠ Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Reino. Festa na Igreja de Jesus e na de Nossa Senhora da Gloria.
- 9 Quinta. S. Leocadia, V. M.
- 10 Sexta. S. Melquiades.—☽ L. cheia às 3 h. da m.
- 11 Sabbado. S. Damaso. S. Franco.
- 12 Domingo (3.º do Advento). S. Justino, M.
- 13 Segunda. S. Luiza, V. M.
- 14 Terça. S. Aguello, Ab.
- 15 Quarta. S. Eusebio, B.
- 16 Quinta. S. Adelaide, Imp.—☽ Q. ming. às 8 e 40 m. da t. Principiam as novenas do Natal na Igreja de Jesus.
- 17 Sexta. S. Bartholomeu. S. Lazaro.
- 18 Sabbado. Nossa Senhora do Ó. S. Espiridião.
- 19 Domingo (4.º do Advento). S. Fausta.
- 20 Segunda. S. Domingos de Silos.
- 21 Terça. S. Thomé, Ap.
- 22 Quarta. S. Honorato, M. Começa o

INVERNO

- 23 Quinta. S. Servulo.
- 24 Sexta. S. Gregorio, M.—☽ Lua n. às 5 h. e 15 m.
- 25 Sabbado. ✠ Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.
- 26 Domingo. S. Estevão Proto, M.
- 27 Segunda. S. João, Ap. e Evangelista.
- 28 Terça. Os Ss. Innocentes, Mm.
- 29 Quarta. S. Thomaz, Arc.
- 30 Quinta. S. Sabino, B. M.
- 31 Sexta. S. Silvestre, P.

REPARTIÇÕES PUBLICAS D'AVEIRO

GOVERNO CIVIL

Governador civil effectivo, Visconde de Alemquer; *governador civil substituto*, Annibal Fernandes Thomaz; *secretario geral*, Dr. João Foyo Soares d'Azevedo; *officiaes*, Dr. Joaquim de Mello Freitas, Dr. Manoel Maria da Rocha Madail, José Maria Pereira do Couto Brandão; *amanuenses*, Dr. José Tavares d'Almeida Lebre, João Augusto Marques Gomes, Amadeu de Faria Magalhães; *porteiro*, Antonio do Valle Guimarães; *continuo*, Luiz Maria Teixeira.

COMMISSÃO DISTRICTAL E AUDITORIA

Presidente, Governador Civil; *Vogaes effectivos*, Dr. Manoel Nunes d'Oliveira Sobreiro, David da Silva Mello Guimarães e João Bernardo Ribeiro Junior; *substitutos*, Antonio Maria Alves da Rosa, Antonio Maria Marques Villar e Manoel Rodrigues Sacramento; *secretario*, Joaquim Simões Franco; *secretario da auditoria*, Miguel Ferreira d'Araujo Soares; *continuo*, Bento dos Santos.

Juiz de direito servindo de auditor, Dr. Jorge Couceiro da Costa, (addido).

REPARTIÇÃO DE FAZENDA DO DISTRICTO

Delegado do thesouro, Miguel Augusto Pereira d'Araujo; *official*, José Ferreira Corrêa de Sousa; *primeiros aspirantes*, Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, Zacharias da Naia e Silva, Viriato Ferreira de Lima e Sousa, Antonio Paes d'Almeida; *segundos aspirantes*, Antonio Ferreira Pinto de Sousa, Sebastião Ferreira Leite, Candido Augusto dos Santos Paes Junior, Alfredo Ferreira de Carvalho, Arnaldo Rebello d'Oliveira Figueiredo; *addidos*, Manoel Augusto Pinto de Vasconcellos, Francisco Tavares d'Almeida, Augusto de Villas Boas Pinheiro, João Joaquim Machado Junior, José Maria da Silva Pereira; *empregado extraordinario da Caixa Geral de Depositos*, Marcos Ferreira Pinto Basto Junior.

LYCEU NACIONAL

Director, Francisco Augusto da Fonseca Regalla; *professores*, João da Maya Romão, Dr. Manoel Gonçalves de Figueiredo, Dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Éca, Dr. José Rodrigues Soares, Albino Dias Ladeira de Castro, P.^o Manoel Rodrigues Vieira, Dr. Hedefonso Marques Mano, Dr. Carlos de Lemos; *secretario*, Elias Fernandes Pereira; *porteiro*, José do Nascimento Corrêa; *continuo*, Manoel dos Santos Silva; *guarda da bibliotheca*, José Martins de Pinho (addido); *sub-inspector de instrucção primaria*, José Maria Dantas de Sousa Baracho, (addido).

COMMISSARIADO DE POLICIA CIVIL

Commissario, Dr. Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama (effectivo); João Pedro de Mendonça Barreto, (substituto); *secretario*, Antonio Moreira Soares da Silva Bello; *amanuense*, Bernardo de Sousa Lopes; *continuo*, Manoel Bernardo Calvão; *chefe de esquadra*, Antonio Simões Lebre.

CORREIO E TELEGRAPHO

Director, Eduardo Serrão; *chefe de estação*, Ernesto Levy Maria Correia; *pel*, Alfredo Cezar Brito; *primeiros aspirantes*, Ernesto Julio Caldeira Prazeres, João Maria da Rocha; *segundos aspirantes*, Augusto Nunes Varella, Antonio da Eucarnação Junior e Antonio Gonçalves Rosa; *aspirantes auxiliares*, Amelia Augusta Correia, Antonio Dias Simões de Carvalho, Augusto Simão Estylita Pereira de Freitas e José Rodrigues dos Santos; *distribuidores*, José Vieira Guimarães, José Maria de Carvalho Junior, Leovigildo Mathias de Mello, Manoel Maria Augusto dos Santos e Francisco de Sousa Marques; *distribuidores rucacs*, João dos Santos Grangeira, José Diniz Ferreira Pabião; *guarda-fios*, Antonio Joaquim Gloria, Adelino Santos Junior e Joaquim da Silva Moutella.

SERVIÇOS FLORESTAES

Silvicultor das dunas do Norte, Egberto de Magalhães Mesquita; *regente florestal encarregado da regencia de Aveiro*, Carlos de Oliveira Carvalho; *guarda das sementeiras de S. Jacintho*, Abel de Oliveira; *guarda das sementeiras da Cufanhã*, Joaquim de Figueiredo; *regente florestal, em commissão no levantamento da planta da arca*, Francisco Leiria.

HYGIENE PUBLICA

Guarda-mór, Dr. Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama; *escriva interprete*, Antonio Correia Loureiro.

OBRAS PUBLICAS

Director, Francisco da Silva Ribeiro; *personal tecnico*: engenheiro Augusto Julio Bandeira Neiva; conductor de 2.^a classe Augusto da Maia Ramão; conductores de 3.^a classe, José da Maia Romão, Antonio Aureliano Severo d'Oliveira, José Ferreira Pinto de Sousa, Avelino de Freitas Magalhães e Manoel Tavares d'Almeida Lebre; conductores de 3.^a classe (addidos) Evaristo de Moraes Ferreira, Anselmo Augusto Maria da Silva e João Santhingo; desenhadores de 1.^a classe Joaquim Antonio dos Reis, Pedro Guilherme de Oliveira e Domingos dos Santos Gamellas; desenhador auxiliar, Sisenando Maia; *personal administrativo*: amanuense de 1.^a classe Alberto da Silva Pereira de Fornellos; amanuense de 2.^a classe José Maria Pereira; amanuenses de 3.^a classe, Manuel Francisco Lourenço Catharino, Francisco d'Assis Marques Gomes, Renato da Silva Mello Franco; *pagador*, Manoel Authero Baptista Machado; *scrvente*, Antonio Fernandes.

2.^a CIRCUNSCRIÇÃO HYDRAULICA

Engenheiro chefe da 5.^a secção, José Maria de Mello de Mattos; *conductor de 2.^a classe*, Antonio dos Reis; *conductor de 3.^a classe*, Firmino de Sousa Huet; *amanuense*, Joaquim Bacellar de Sousa; *apontadores mestres de rios e vallas*, José Fortunato Coelho de Magalhães e José Teixeira das Neves; *guardas*, José Maria da Maia e José Rey.

CAMARA MUNICIPAL (1896-1898)

Presidente, conselheiro Manoel Firmino d'Almeida Maia; *vice-presidente*, dr. João Cardoso Valente; *vereadores effectivos*, Augusto de Oliveira Pinto, Alberto Ferreira Pinto Basto, José Antonio Pereira da Cruz, Manoel Mathews Ventura, Augusto do Carmo Cardoso Figueira, Henrique Cardoso Figueira, Carlos Celestino Pereira Gomes; *vereadores substitutos*, Duarte Ferreira Pinto Basto, Pedro Augusto Pinaentel Calisto, Manoel d'Oliveira Razeilo, José Nunes da Carvalho e Silva, Manoel dos Reis, José Manoel Rodrigues, João Maria Ribeiro e João Francisco Leitão; *secretario*, Firmino de Vilhena d'Almeida Maia; *secretario addido*, Abel Augusto Regalla; *amanuenses*, Manoel Marques, Eduardo Vieira e Luiz Augusto da Fonseca Regalla Junior; *guarda livros do Azylo Escola districtal*, João Maria Pereira Campos; *chefe da fiscalisação*, José Rodrigues Micio; *chefe dos zeladores*, Domingos Pereira Grijó; *officiaes*, José Duarte da Costa e Miguel dos Santos Gamellas.

Medicos do partido: dr. Manoel Gonçalves de Figueiredo, dr. Luiz Augusto da Fonseca Regalla, dr. Manoel Pereira da Cruz, dr. Francisco Antonio Marques de Moura e dr. Antonio Thomaz da Maia Mendonça.

ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO

Administrador effectivo, Dr. Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama; *administrador substituto*, João Pedro de Mendonça Barreto; *secretario*, Francisco da Silva Carvão; *secretario addido*, Joaquim Augusto Novaes; *amanuenses*, Antonio Baptista de Sousa e José Fernandes Mourão; *officiaes*, Manoel Simões Amaro Junior, José Rodrigues Branco, Joaquim Maria Pereira de Rezende e Camillo Augusto Vieira.

TRIBUNAL JUDICIAL

Juiz de direito, Dr. Alexandre de Sousa e Mello (effectivo) e José Ferreira da Cunha e Sousa (substituto); *delegado do procurador regio*, Dr. José de Sousa Mendes; *sub-delegado*, Dr. Jayme Duarte de Moraes e Silva; *contador*, Dr. Joaquim Manoel Ruella; *advogados*, Dr. Duarte Mendes Correia da Rocha, Dr. Luiz Augusto Pinto de Mesquita Carvalho, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Dr. Manoel Francisco Teixeira, Dr. Joaquim Manoel Ruella, Dr. Ildfonso Marques Mano, Dr. Alexandre José da Fonseca; *escrivães de direito*, Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, Antonio Augusto Duarte Silva, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, Evaristo Correia da Rocha, Leandro Augusto Pinto do Souto; *officiaes de diligencias*, Joaquim Teixeira da Costa, Silvestre José d'Oliveira, João da Rocha Carolla, Antonio Augusto d'Almeida; *carcereiro*, Augusto José de Carvalho.

CONSERVATORIA

Conservador, Dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães; *ajudante*, (vago); *amanuense*, Luiz Antonio da Fonseca e Silva.

AGENCIA DO BANCO DE PORTUGAL

Agentes: Dr. Jayme de Magalhães Lima e Antonio da Cunha Pereira; *amanuenses*, João Pereira Pinheiro, Guilherme Pinto, José Maria Barbosa e José Pereira de Carvalho Branco; *continuo*, Joaquim Antonio Ferreira.

REPARTIÇÃO DE FAZENDA DO CONCELHO E RECEBEDORIA

Escrivão de fazenda, Antonio Joaquim Marques Perdigão; *escripturarios*, Eduardo Pinto de Miranda, Casimiro Ferreira da Cunha e Carolino Manoel Rodrigues; *recebedor*, Manoel de Sousa Brito; *proposto*, Florentino Vicente Ferreira.

ESCOLA INDUSTRIAL

Professor de desenho, Francisco Augusto da Silva Rocha.

SECÇÃO ADUANEIRA

Chefe da secção, Manoel Pedro Nunes da Silva; *amanuense*, Manoel Luiz Junior (addido); *1.º patrão*, Manoel Rodrigues da Paula; *2.º patrão*, Elias dos Santos Gamellas; *remadores*, José de Moraes Gamellas, Manoel Dias dos Santos, João dos Santos Carão, José Maria dos Santos Rocha, Antonio da Roza Lima, João Dias, José d'Oliveira e Antonio Maria da Naia.

INSPECÇÃO DO SELLO

Inspector, Annibal de Sousa Rego; *adjunto*, Manoel Francisco Gomes Villar; *fiscal*, Manoel Eduardo Pinto Victor.

SECÇÃO DA GUARDA FISCAL

Chefe da secção, Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque.

SECÇÃO DO REAL D'AGUA

Chefe da secção, Jacintho Agapito Rebocho.

DISTRICTO DE RECRUTAMENTO E RESERVA N.º 9

Commandante, Guilherme Augusto Victorio de Freitas, (tenente-coronel do Estado-maior); *1.º sargento*, Julio Affonso Vieira da Cruz; *2.ºs sargentos*, Manoel Pedro Nogueira Velho de Chaby e Antonio da Maia.

AGRONOMO DO DISTRICTO

Manoel Lopes d'Almeida.

VETERINARIO DO DISTRICTO

Alberto da Silva Saraiva Monteiro.



Associação Commercial de Aveiro

Abel Ferreira da Encarnação, industrial; Adriano da Conceição Costa, commerciante; Alberto Pinheiro Chaves, commerciante; Albino Pinto de Miranda, commerciante; Alípio Pires, commerciante; Angelo da Roza Lima, commerciante; Anselmo Ferreira, commerciante; Antonio Auntes d'Abreu e Mello, commerciante; Antonio Cardozo de Azevedo, commerciante; Antonio da Costa Azevedo, commerciante; Antonio da Cruz Bento, commerciante; Antonio Ferreira Canha, commerciante; Antonio Ferreira Felix Junior, commerciante; Antonio Ferreira Pacheco, commerciante; Antonio Marques d'Almeida, commerciante; Antonio da Silva Pereira, industrial; Antonio dos Santos Gamellas, industrial; Antonio Pereira Junior, Successores, commerciantes; Antonio Teixeira, commerciante; Arnaldo Bernardo da Perpetua, commerciante; Arthur Paes, commerciante.

Carlos Migueis Picado, industrial; Carlos da Silva Mello Guimarães, industrial e commerciante.

Delfim Corrêa de Mello, relojoeiro; Domingos José dos Santos Leite, commerciante; Domingos Luiz Valente d'Almeida, industrial e commerciante; Domingos da Naia e Silva, commerciante; Domingos Pereira Guimarães, commerciante; Duarte Ferreira Pinto Basto, industrial.

Eduardo Augusto Ferreira Osorio, commerciante; Estevão Ventura, commerciante.

Fernando Homem Christo, industrial; Francisco Antonio Meirelles, commerciante; Francisco Antonio de Moura, pharmaceutico; Francisco Antonio da Silva, commerciante; Francisco Emilio da Luz e Costa, pharmaceutico; Francisco Ferreira, commerciante; Francisco Migueis Picado, commerciante; Francisco Paes, commerciante; Francisco Pinto d'Almeida, ourives; Francisco dos Santos Pereira de Mello, commerciante; Foytes & Companhia, commerciantes.

Innocencio Antunes Caracol, commerciante; Innocencio Esteves, commerciante.

Jeremias dos Santos Marques, commerciante; João Bernardo B. Junior, pharmaceutico; João C. d'Almeida, commerciante; João Francisco Chrisosthomo, commerciante; João Francisco Leitão, commerciante; João Maria R. Balacô, commerciante; João Maria dos Santos, commerciante; João Pedro Soares, industrial; João de Pinho Vinagre, commerciante; João Pinto de Miranda, industrial e commerciante; João Rodrigues da Paula, commerciante; João da Silva, commerciante; João da Silva Salgueiro, commerciante; João da Silva Santos, commerciante; Joaquim Coelho da Silva, commerciante; Joaquim Dias Abrantes, commerciante; Joaquim Ferreira da Costa, relojoeiro; Joaquim Ferreira Martins, industrial e commerciante; Joaquim Maria dos Reis Santo, Thyrso, commerciante; Joaquim Martinho Girão, commerciante; Joaquim Nunes de Figueiredo, commerciante; Joaquim de Pinho Vinagre, commerciante; Joaquim Rodrigues Faria, commerciante; José Antunes d'Azevedo, Succesores, commerciantes; José Almeida dos Reis, industrial e commerciante; José Antonio Marques, commerciante; José Augusto Ferreira, commerciante; José Bernardes da Cruz, industrial; José Ferifandes Melicio, commerciante; José Gonçalves Gamellas, commerciante; José Joaquim Gonçalves da Caetana, commerciante; José Maria de Carvalho Branco, commerciante; José Maria da Naia, commerciante; José Maria d'Oliveira Vinagre, commerciante; José Maria Ribeiro, ourives; José Maria Sarabando, commerciante; José Marques d'Almeida & Irmão, industriaes e commerciantes; José Marques d'Azevedo, commerciante; José do

Nascimento Ferreira Leitão, commerciante; José Pereira Junior, commerciante; José Trindade, industrial.

Leonardo da Cruz Bento, commerciante; Luiz da Naia e Silva, industrial e commerciante; Luiz Peixoto de Magalhães, commerciante; Luiz Pereira da Cruz, commerciante; Luiz Soares, commerciante.

Manuel Anthero Baptista Machado, commerciante; Manuel Caetano de Mattos, commerciante; Manuel da Cruz Junior, commerciante; Manuel Ferreira Patacão, industrial e commerciante; Manuel Homem de Carvalho Christo, industrial e commerciante; Manuel José de Mattos Junior, commerciante; Manuel de Lemos Junior, commerciante; Manuel Marques, commerciante; Manuel dos Reis, commerciante; Manuel da Rocha, industrial e commerciante.

Primo da Naia, commerciante.

Reynaldo Vidal Rangel de Quadros Oudinot, pharmaceutico; Ricardo Pereira Campos, commerciante.

Tobias da Costa Pereira, commerciante.

Visconde da Silva Mello, commerciante.



DR. ALVARO DE MOURA



Não se escrevem palavras lisongeiras a respeito dos vivos sem risco de serem tomadas á conta de louvaminhas de encommenda; mas póde fallar-se com desassombro da honra, da actividade e da intelligencia dos nossos concidadãos, guardando as justas conveniencias devidas aos seus melindres e susceptibilidades.

Escrevendo, pois, o nome do sr. dr. Alvaro de Moura no alto d'esta pagina, não se pretende de modo algum ser lisongeiro para com o homem, nem para com o amigo.—Ha, porém, o proposito de accentuar a gratidão dos aveirenses para com uma familia de quem a cidade e o concelho muito espera, e á qual já deve assignalados serviços.

Filho estremecido do sr, conselheiro Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almeida d'Eça,—uma distincta notabilidade da engenharia portugueza, o sr. dr. Alvaro de Moura, ha muito que, por iniciativa propria e com a valiosa coadjuvação e alta influencia de seu dignissimo Pae, tinha ligado o seu nome aos melhoramentos da cidade, quando foi eleito para a camara municipal, occupando no ultimo triennio a presidencia d'aquella corporação.

N'esse logar, em que entrou pela primeira vez, encontrou-se de rosto com enormes difficuldades, ante as quaes a sua actividade nunca tergiversou.—Um dos maiores embaraços, sem duvida, era a escassez da receita. Entrando resolutamente no caminho de a ganhar, ahi mais se convenceu da via escabrosa em que se achava, mas nem porisso se deu por vencido na lucta, antes a sustentou aavez de innumerados attrictos. Preparava-se, assim, para iniciar uma serie de melhoramentos, que sob um plano habilmente estudado, a cidade e o concelho gozariam em breve.

As emergencias da politica cortaram em flôr essa esperanza, confiando os destinos do municipio a outras mãos, e inutilizando assim os materiaes preparados para melhoramentos de vulto que a cidade ha muito reclama. O futuro dirá quem lucrou com a mudança. O sr. dr. Alvaro de Moura é que, decerto, ganhou para o seu descanso, para a administração da sua casa e para o exercicio dos seus deveres officiaes. A' sua intelligencia e probidade prestam a devida homenagem todos os que apreciam os homens pelos seus dotes de intelligencia e de character. D'entre esses alguns ha ainda firmes na convicção de que o sr. dr. Alvaro de Moura virá a prestar ao municipio e aos aveirenses serviços importantes. Quando?... Não se sabe, não se pôde dizer; mas seja cedo, seja tarde, seja nos idos ou nas calendas, a todo o tempo é tempo de cada qual mostrar o que é e o que vale; emfim, de accentuar a sua individualidade nos serviços e melhoramentos publicos, depois de a evidenciar nos serviços e melhoramentos particulares.

Se n'estas linhas vai algum ressaibo de lisonja, dê-se por não escripto o que o possa parecer; o mais, quando outra cousa não seja, é um modo de vêr pessoal, fica e firma-se.

P.ª Vieira.



FLORES DA VIDA

Um dia aconcheguei minh'alma junto ao seio
e disse:—«Vae, deslisa, . . .
procura da donzella na mudez do enleio
que dor a cadaverisa:

no riso de luar que enrruga prematuro
face envelhida que vendeu saude
presinto uma lesão,
alimentada em peito impuro
dos destroços da virtude,
no reino do coração.»

.....

À beira das estradas as flores
Teciam a *toilette* ao mez de maio.

Uma tarde amena, o sol vermelho,
O grande mar um grande espelho
Com igneas manchas multicores. . .

E quando o derradeiro raio
Que reverberos d'ouro inda espargia
Obliquou na sombra retalhada,
Minh'alma, viageira fatigada
Voltava ao seio meu da humana via.

Então n'um doido anseio
Indago a dor occulta que imprimiu
Na face juvenil essa mudez do enleio. . .
Ella, pudicamente avermelhada
Sem responder sorriu,
E, constrangida,
Lançou-me aos pés, ensanguentada,
De Lorangeira uma flor partida.

Depois, uma outra flor, sanguinia, extraordinaria,
Apresentando diz:

—É esta a flor do Mal. . .

Do Cardo a cor é sangue a c'roa é sanguinaria!

Um dia, um nasceu onde floresce altiva
A flor por excellencia casta e virginal.

Ao sanguineo, ao vampiro
Fatal legislação cedeu por comitiva
A Lagrima e o Suspiro!

E essa flor que guia a virgem pela mão
Pela primeira vez tremeu... curvou então!

Ao outro dia
A flor, no galho, balançava exangue
O vento que entoava uma Elegia...
Velada pela mudez, vendada p'lo enleio
Mostrava a pobre flor no intimo do seio
Vestigios dos espinhos d'essa flor de sangue.

E no grande pomar do coração humano
Medraram duas flores desde então:
A um lado a Larangeira e — a Innocencia,
Ao outro o Cardo e — o Eugano...

Mas a flôr da Larangeira, a ceára das colmeias
Seria sempre a flôr do coração,
Se do Cardo a convivencia
Não celebrasse a communhão d'ideias.

MACEDO VASCONCELLOS.



LOGOGRIPHO POR LETTRAS N.º 1

Passa a vida alegremente,—5-7
Sem se importar com mais nada—5-10-9
Sempre em *dulce-far-niente*—1-2-3-4-5-6-7-10
Vai levando a vida airada—1-2-3-4-5-6-7-8-9-10.

CONCEITO

Passa a vida alegremente,
Sem se importar com mais nada
Sempre em *dulce-far-niente*,
Vai levando a vida airada.

Thiago Leopardi

NÁMAIS tão ruim arcabouço albergou espirito galhardo como o de Thiago Leopardi. Não se póde recordar este nome laureado e querido das musas sem phantasiar logo a alma varonil do poeta a degladiar-se com um corpe carcomido e podre. E travou-se a lucta, é verdade; uma lucta medonha, horrivel. Aos quinze annos já o pobre Thiago vergava sob o peso do seu infortunio, mas, n'essa branda idade tambem, já elle tinha na cara peninsula um pedestal de gloria. Resoou por toda a Italia um grito de surpresa, porque a creança de Recanati, sem o auxilio de mestres, começou a philosophar com a reflexão de um philosopho sazonado.

Se é verdade que o destino lhe negou a juventude, como elle disse uma vez, debatendo-se nas convulsões da sua agonia que a descrença e o scepticismo tornavam ainda mais dolorosa, é preciso confessar tambem que não se limitou ao rachitico involucro da alma; tambem esta nunca foi joven, porque começou a doutrinar quando naturalmente se deveria só apprender.

A encyclopedia franceza, largamente representada na bibliotheca paterna, foi, porém, inoculando no animo de Leopardi o *virus* do mais exaggerado e desconsolador scepticismo; e os labios do poeta entreabriram-se n'um sorriso amarello, regelado, onde vinha espelhar-se sinistramente a profunda escuridão da sua alma: a uma e uma foram-se então apagando as esperanças que o sustinham, e o infeliz ficou só com a sua dôr a trasbordar maldições, e a sacrificar ao nascer todos os suspiros do seu coração ancioso de felicidade.

No espasmo de tamanha dôr, delirante pela negra solidão da sua alma, o vate sombrio poz mão à penna e faiscou um canto repassado de desespero atroz que, rejeitando os veus do costume, dirigiu a si mesmo: «O' meu coração, socega; a terra não é digna de suspiros; a vida é infado e nada mais, e lama é o mundo; desespera pela ultima vez; despreza a natureza e o poder brutal que para nosso mal impera e a infinita vaidade de tudo.»

E continuou a blasphemar e a delirar o vate sombrio.

Internando-se com crescente desespero na pavorosa escuridão que lhe mirrava a alma, pôz-se a cantar a giesta por ser ella a flôr do deserto, triste, desconsolada, que parece querer contar-nos as suas maguas; e o pardal solitario parecia-lhe o espelho fiel da sua vida deserta, porque, menosprezando os folguedos da outra passarada, deixa passar no retiro e na melancolia a primavera dos annos; gostava tambem da lua, porque às vezes, no silencio sepulchral de uma noite de estio, perguntava se ella sabia das suas penas, e com a meiga confidente desafogava a sua dôr, soltando queixas eloquentissimas.

No meio de tudo isto vinha esquartejar tambem o coração do poeta o miserando estado da sua patria. Já senhora e poderosa, agora jazia inerme e escrava a formosa Italia: o peito tinha coberto de lividas manchas. Os seus filhos, deixando inulta a ignominia materna, corriam a bater-se com inimigos que não eram os d'ella e, morrendo não podiam arrancar do peito o grito de gloria que conforta os ultimos momentos do martyr-guerreiro: «Patria, a vida que me deste, eu t'a restituo.» E o coração nobre de Thiago Leopardi enchia-se de magua cruel por vêr a ditosa peninsula, outr'ora Benjamin da sorte, torcer-se agora, abjecta e vil, nas espiras de extrema abominação; ateou-se-lhe no peito a labareda santa da patria e dirigiu á Italia versos sublimes que rompem d'est'arte com um grito de assombro apaixonado: «O' minha patria, eu vejo as muralhas e os arcos e as columnas e os simulacros e as ermas torres dos nossos avôs, mas não vejo a gloria, não vejo o louro e o ferro de que se cobriam os nossos paes antigos.» E evocando epopeias que só o tempo pode cobrir de ferrugem, ia tirando materia para amargos parallellos e sentido pranto.

Chorar, chorar sempre, foi a vida de Thiago Leopardi!

Mas serão eternas as tuas lagrimas, ó grande italiano?

Um dos traços adoraveis da Providencia que mais me tem impressionado foi a reconciliação com Deus de Thiago Leopardi. Quando, estimulado pela vehemencia feroz das suas penas, elle mergulhava soffregamente no oceano immenso do desespero, e, fulminando anathemas, tudo pretendia envolver nos rigores da sua estulta maldição, quando os males do corpo já não podiam crescer e a alma se tinha pre-

cipitado n'um abysmo negro de melancolia, quando tudo em redor d'aquella existencia já cheirava a morte e trazia o pallor dos cadaveres; foi então que a Providencia o veio colher e vivificar: e, erguendo deante d'elle o véo de um quadro ridente, veio abrir nos labios amortecidos do pobre enfermo o sorriso da primeira esperanza.

Que não terá provado o infeliz poeta, sentindo pela alma aquelle orvalho vivificador, aquelle raio de luz divina que foi a aurora da sua vida?

Eu não sei, mas Thiago Leopardi sorriu-se sem a mofa doentia que caracterisava os seus sorrisos, e adormeceu na paz do Senhor.

Aveiro, 28—IX—96.

DR. JOÃO DE LIMA VIDAL.

LOGOGRIPIO POR LETRAS (*Acrostico*)

Joven bella e donairoza—6-8-3-14-1-6-7

O tributo pagar vem.—14-13-4-3-2-16

Aqui tem flor mimosa—10-16-4-5

O aroma da cecem.—16-14-16-10

Divindade fabulosa,—2-7-12-10-1

Assista ao sacrificio,—2-3-4-14-15

Mas ao ver tal bulicio,—2-16-12-13-2

Affastou-se pressuroza,—14-7-4-12-10-5.

Ingleza loura e branca—2-3-4-4

Aqui vê toda garbosa,—1-3-10-16-4-11

Risonha 'stá a douzella—10-13-12-11

O rosto ledo e dengosa—9-16-4-12-16-4-16

Mostrando o ceu no olhar—11-4-12-10-16-4

Amente ardendo em desejos,—2-13-10-15

O collo niveo a arfar.—4-7-13-16.

CONCEITO

E' da praxe dar conceito?

Vou já dal-o sem mais nada.

Procurae com muito geito

Afeição desinteressada.

NO TEMPLO

Vi-te, ha dias, no templo! Tu fitavas
humildemente a Virgem dolorosa!
—Talvez nunca te visse tão formosa!—
Então a ser mais crente me animavas!

E vi então, que derramavas pranto!
Curvou-se, pouco a pouco, a tua frente.
E, quando a levantaste brandamente,
já no teu rosto eu via um novo encanto!

Por que tinhas, donzella, essa tristura?
Lembraram-te da Virgem crueis dores?
Já murcharam da vida as tuas flores,
na idade do prazer e da ventura?

Teu coração, acaso, tem segredos,
que só da Virgem-Mãe confiarias?
Tão creança, perdeste as alegrias?
Por que fugiram teus sorrisos ledos!

Depois por que sorriste docemente,
olhando para a Virgem? Esperança
tu tiveste de uns dias de bonança,
ou esperas no Céu, unicamente?

Quem sabe, que segredos no teu peito
ocultos vivem? Quantas agonias
então da Virgem-Mãe confiarias?!
—Silencio! Teus segredos eu respeito!—

(Dos meus inéditos.)

RANGEL DE QUADROS.



CHARADA INVERTIDA N.º 1

Detraz para a frente
De diante p'ra traz
No rio corrente...—2
Decifra? é capaz?

UM QUADRO

Ao meu amigo José de Pinho

Já se lhe não veem os olhos cheios de brilho, e as faces rosadas como d'antes.

Se a quereis ver procurae-a aos sabbados, dia em que ella anda esmolando pelas ruas da cidade.

.....

São passados alguns annos.

A' beira de uma estrada não mui longe d'aqui, vivia um casal feliz, d'aquelles que se chamam modelos. Tinham por unico fructo um ente, o qual era o encanto de seus paes, e o seu unico thesouro, pois que elles eram pobres, vivendo unicamente do seu trabalho.

Poucos mezes haviam decorrido ainda, depois do auspicioso enlace d'aquellas duas almas, quando a fatalidade lhes veio bater à porta.

A mudança que então se operou entre os desposados foi completa. Da sua pequenina casa, elegantemente adornada, passaram a viver n'um misero casebre. A grande alegria que aquellas paredes haviam presenciado, e que era invejada por toda a vizinhança, transformára-se de subito em profundos gemidos; o que até então havia sido gozo e alegria, mudára-se agora na mais cruel desdita. Só lagrimas havia alli.

A horrenda Parca, com a sua foice destruidora, roubou, para não mais voltar, a vida e a felicidade d'aquella casa, deixando na mais infima situação dois anjos sem o alento de que tanto careciam.

Pouco tempo depois da morte de seu marido, a desditosa esposa cahia no leito, para não mais se poder levantar, ficando a pequenina orfã privada de todos os carinhos de que até então era mimoseada.

Mas ainda não era tudo.

A pobre mãe, no seu constante martyrio, ainda mais soffria ao ouvir quebrar-se o silencio de que estava rodeada, com as commoventes palavras balbuciadas pela filhinha, palavras que para ella eram como settas entrando no seu coração.

— Mãe... mãe tenho fome!...

Que doloroso é para uma mãe que soffre, o ouvir pedir pão ao ente que mais ama n'este mundo, e que é um pedaço da sua alma?

Só ellas, que sentem, o poderão explicar.

Que devia fazer a joven mãe àquelle pequenino ser, não tendo em casa com que lhe matar a fome, e encontrando-se ella na mais desoladora situação?

Aqui só havia um remedio para aquella mãe suavisar a sua dôr.

Era mandal-a implorar a caridade aos que por alli passassem para não morrer de fome.

Tão pequenina e já com espinhos no começo da vida!

D'aquelle dia em diante, quem por alli passasse, lá havia de vêr á porta do casebre uma tenra creança de olhos vivos e rosto encantador, estendendo a mão aos transeuntes e pedindo uma esmola para si e sua mãe entrevada, mas com tal expressão que niuguem havia que se não admirasse da viveza da creança e se não enternecesse por ella.

Mas pouco durou a obrigação d'aquelle anjo, e o martyrio de sua mãe, porque passados poucos dias o plangente dobre dos sinos da freguezia, annunciavam a sua morte e a orfandade d'aquelle creança.

Depois da morte de sua mãe nunca pude saber o seu destino.

.....
São passados alguns annos depois do que aqui descrevo, e nunca me foi possivel saber do paradeiro da pequena orfã; porém ha poucos dias pude vê-la, mas já muito mudada, porque já se lhe não veem os olhos cheios de brilho e as faces rosadas como d'antês.

Se a quereis vêr procure-a aos sabbados, dia em que ella anda esmolando pelas ruas da cidade.

Aveiro—1896.

G. SILVANO.

CHARADA NOVISSIMA

A PREMIO

Procura no escudo, com cuidado, encontrarás titulo de nobreza—2—2.

A pessoa que primeiro enviar a decifração d'esta charada á *Minerva Central*, receberá como premio o romance *Vogando*, de Guy de Maupassant.

Dizia um patusco, que quem, sendo velho, casa com mulher nova, podia contar com tres CCC. O ultimo é cova.

O CEDRO E A OLIVEIRA

Dizia um cedro orgulhoso
 À vicejante oliveira:—
 «Eu sou gigante frondoso,
 Tu és qual planta rasteira.»

A oliveira contestou:—
 «Mas quando voou da arca
 A pomba do Patriarcha,
 Quem é que a pomba beijou?»

«Uma pombita innocente,
 E sempre a rasar a terra,
 Não tem o vôo potente
 Das aguias da minha serra.»

«Mas quando à terra baixou,
 A trazer paz e conforto,
 O doce Jesus, no Horto
 De minhas irmãs orou.»

Dizem que a fronte alterosa
 O rei dos montes curvou.
 Sempre humilde e piedosa
 A oliveira perdoou.

VISCONDE D'ALEMQUER.



LOGOGRIPIO POR LETRAS N.º 2

Lindo nome de mulher—1-10-10-3-2-9-5
 Mineral d'estimação—5-2 1-4-3-6-7-8-11
 Bello fructo p'ra comer—3-10-5-10-1-6
 Atavio de fradalhão—1-10-5-2-1-4-11
 Ves um homem pigmeu—3-10-5
 Morada da fidalguia—6-11-2-5-8
 Outro homem tão sandeu...—7-11-2-11
 O cantar da cotovia—7-8-9-10-11.

CONCEITO

E' da côr d'um mineral.
 tão alvo!... não tem igual.

O PREGADOR

(IMITAÇÃO)

N'aquelle dia havia festa rija na aldeia. A Morgadinha era quem custeava a despeza em cumprimento dos seus nunca desmentidos principios religiosos. Por aquellas redondezas não havia ninguem que melhor exercesse a sublime virtude da caridade. Por isso o povo tinha por ella uma santa veneração, e os pobrezinhos a cobriam de benções.

O dia do festejo amanhecera esplendido. O sol dardjava obliquamente os seus raios coruscantes que punham uma nota de alegria e deslumbramento em toda a paisagem da aldeia.

Ranchos de raparigas passavam cantando alegres trovas populares. Pelos muros assomavam physionomias diversas para contemplar os alegres bandos. De tempos a tempos ouvia-se um rumor longinquo que ia gradualmente augmentando até se tornar bem distincto: — eram os carros dos convidados, cuja comparencia a Morgadinha solicitára.

De repente, ao longe, n'uma volta do caminho, surgiu um carro descoberto, avançando com velocidade, e em cujas rodas o sol deixava cahir scintillações de prata.

Os trauseutes affastaram-se com respeito para lhe dar passagem e murmuraram em côro:

— É a snr.^a Morgadinha.

Era effectivamente ella, o anjo bom d'aquelle povo. A seu lado vinha tambem o prégador, um homem ainda novo, mas muito nutrido e de faces rubicundas, todo elle sorriso e attenção para a sua companheira.

Assim que a carruagem chegou junto do adro, estalou no mesmo instante uma girandola de foguetes, os sinos repicaram festivamente, e alguém d'entre a turba gritou:

— Viva a snr.^a Morgadinha!

Entraram na egreja, que estava adornada com magnificencia. No throno e nos altares viam se jarros e castiças d'um lavor precioso, que revelavam um fino gosto artis-

tico. Sentia-se um prazer indizível na contemplação de todo aquelle conjuncto.

Feitas as ceremonias do estylo o prégador rompeu magestosamente por entre os circumstantes e encaminhou-se para o pulpito. A caridade foi o thema que escolheu para o seu discurso. Ajoelhou, fez uma ligeira reza, depois aprumou-se, tossiu, puxou d'um lenço, limpou os labios, pousou o lenço na borda do pulpito, espalmou as mãos, fincou-as no parapeito, e começou;

Caritati fraternitatis invicem diligentes

(Amae-vos reciprocamente com amor fraternal)

No templo houve um movimento de geral attenção e todos os olhares se fitaram no sacerdote. Este, depois de breve pausa, continuou:

«Meus amados irmãos: — Nada ha mais excellente do que a caridade. Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que sôa, ou como o sino que tine, e se eu tiver o dom da prophecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se pode saber, e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes e de entregar o meu corpo para ser queimado, e não tiver caridade, não sou nada.

«A caridade é benigna, a caridade nunca jámais hade acabar: ou deixem de ter logar as prophecias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia; porque em parte conhecemos, e em parte prophetisamos. Mas quando vier o que é perfeito, abolido sera o que é em parte; porém a caridade permanecerá sempre. Assim falla o apostolo S. Paulo nas suas sagradas epistolas».

E passando o lenço pela fronte tornou:

«Porque a caridade, meus filhos, dulcifica muitas dores, enxuga muitas lagrimas, mata muita fome, e faz redimir muitas almas.

«Mas lembrae-vos, meus amados irmãos, que não basta dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sêde, de vestir o desnudado; é necessario mais alguma coisa ao homem. Esse christão que soffre, não vive sómente de pão; ainda que pobre, carece do respeito e do amor.

«Ah! crêde, meus filhos, que se o pedaço de pão,

que daes ao pobre não é acompanhado de algum respeito, de algumas attentões, o que o recebe pouco gosto lhe achará. E como não prestar ao pobre esse respeito, esse amor, que Jesus Christo, que o grande patriarcha da caridade, S. Vicente de Paulo, que todos os santos, que tantos reis e tantas rainhas mostraram para com os pobres? Como não os considerar como irmãos, tanto mais dignos de amor e de respeito, que é isso o que mais os sensibilisa? Sim, meus senhores, honrae e amae os pobres, e vos honrareis e amareis a vós mesmos, como todo o discipulo deve amar-se e honrar-se».

O povo estava commovidissimo com o sermão. Ha muito que não ouviam um prégador que tanto soubesse falar aos corações. A propria Morgadinha se enternecera até ás lagrimas.

Depois de enaltecer muito os beneficios da caridade, rematou assim o discurso:

«Nunca deixeis, meus irmãos, de fazer aos pobres todo o bem que poderdes, pois que Jesus Christo declarou que consideraria como feito a si tudo o que se fizesse ao menor, ao ultimo d'entre elles. Dae pois esmola, dae, para que um dia possaes gozar a ventura de ouvir estas sublimes palavras do Divino Mestre:

«Vinde, benditos de meu pae, vinde possuir o reino que vos está preparado desde o principio do mundo; porque tive fome, e déstes-me de comer; tive sede, e déstes-me de beber; estava nú, e cobristes-me; estava enfermo, e vizitastes-me.»

Não se imagina o effeito d'estas palavras. Parecia que tudo estava disposto a dar o ultimo centil aos pobres.

Terminada a festa, a Morgadinha e o prégador subiram para a carruagem e desappareceram, d'ahi a pouco no meio d'uma nuvem de poeira levantada pelas patas dos cavallos.

O prégador jantou em casa da Morgadinha. A' sobremeza veio dizer a creada que estavam lá fóra dois pobres a pedir esmola.

— Ora que massada! exclamou a Morgadinha. Nem me deixam jantar.

— Mande-os embora, minha senhora, aconselhou o padre. Se os acostuma verá que não lhe deixam a porta.

ISMAEL BRAGA.

LENDO O EURICO

Nas serras africanas se escondera
 O sol; do luar o pallido fulgor,
 Enchendo o espaço d'opalina côr,
 As tintas do occidente desfizera!

Pelas fragas do monte, a que se dera
 De Calpe o nome, um mesto sonhador
 Vagueia só; e em convulsões de dôr
 A voz maguada, em triste accento, erguera!

Eurico se chãtava o solitario,
 Que n'essa noite, suave, illuminada,
 Do amor ascende a rocha do Calvario.

E, noite em meio, olhando para o mar,
 Divisa ao longe, na amplidão traçada,
 A irmã de P'laio, envolta pelo luar!

GABRIEL FARIA.

 CHARADA N.º 2

Estou na egreja
 Estou no altar,—1
 E ha quem me veja
 Correndo no mar.—2

Ver no peito da mulheru
 Ou n'um cavallo qualqer.

Um official militar levou uma bofetada de um paizano,
 Puxa da espada e diz muito formalizado:

—Isso é deveras ou a brincar?

—E' deveras, disse o esbofeteador.

O official mette a espada na bainha, e disse muito
 tranquillo:

—Lá me parecia, pois comigo não se brinca.



DOMINGOS JOSÉ DOS SANTOS LEITE

Comparo-o a uma pilha electrica; a tudo o que se communica, imprime força, põe em movimento!

Aonde elle fôr chamado, aonde elle seja preciso, já por todas as suas bellas qualidades—tão raras hoje de entre a podridão em que as raças indigenas vegetam—já pelos seus conselhos sempre revestidos d'um criterio justo, preciso, franco; aonde elle fôr chamado, o que estagnava, move-se; o que perdia a seiva, revigora; o que retrocedia, avança; o que estiolava, toma vida.

D'uma actividade extraordinaria, verdadeiramente estupenda,

se vivesse n'um meio superior, de mais vasta amplitude, onde a sua iniciativa pudesse desenvolver-se á altura do seu genio empreendedor, Domingos Leite tornar-se-hia um poderoso elemento commercial e industrial.

Para Aveiro attingir um grau verdadeiramente progressivo, bastava que tivesse mais tres homens da sua tempera.

Posto que a sua instrucção fosse deficiente, é um rapaz intelligente e d'uma pouco vulgar verbosidade.

Filho do povo, não podia nunca desviar-se da lei porque se orienta e rege a democracia. Eis porque ahi milita, soldado fiel, cooperando, sempre que é preciso, para a marcha de avance d'esse exercito collossal que se vem impondo ao mundo inteiro.

E' dos raros typos que, pela sobreexcellencia do seu character, adquirem a estima e o respeito em todas as facções.

Tem votado uma parte da sua vida, bastante laboriosa, ao progresso d'esta terra que lhe foi berço e que lhe deve innumerados serviços. Entre muitos, haja vista á sua passagem pela commissão que ahi promoveu e fez erigir a estatua do immortal tribuno José Estevam; como secretario, quasi que elle só foi a commissão! Membro da direcção da Associação Commercial, decerto ninguem o ultrapassa nem talvez eguale na cooperação activa e rasgada que imprime a tudo o que tão util aggremação local promove, não só em beneficio do commercio, em particular, como da terra, em geral.

Porém... como a todo o homem de bem os mastins indolentes e invejosos tentam sempre esmordaçar os calcanhares, ha quem não reconheça o valor intellectual e moral do retratado e os seus serviços a Aveiro. Ha tempos, encontrando-me n'uma palestra entre patricios seus, enaltecia eu as qualidades civicas de Domingos Leite e sustentava que Aveiro alguma cousa deve á sua iniciativa, ao seu genio trabalhador; pois tiveram alguns a velleidade de me contestar, havendo até um que se estribou falsamente no velho rifão: *«santos de ao pé da porta nunca fazem milagres.»* (sic!)

Além de inveja ha inverosimilhança.

Não me admirei, todavia, porque entre nós é uzo, impellido do alto, desprestigiado e nunca enaltecer e pôr em relevo os caracteres de eleição, cuja vida publica e intima se torna ensinamento assás proveitoso aos que quizerem pautar a sua conducta pelos tramites da honradez. Terminei, pois, a discussão, convencido ainda uma vez: não de que *«santos de ao pé da porta não fazem milagres»*, mas sim de que *«ninguem é propheta na sua terra.»*

E' esta uma verdade bem evidente.

Domingos Leite é, sobre tudo, um exemplarissimo e carinhoso chefe de familia. E aqui, principalmente, é que os *zoilos* não podem morder e teem de engulir em secco!

Uma cousa, tão patente como significativa, faz com que Domingos Leite seja para mim um dos consagrados: é o acrysolado amor e extrema dedicação que elle consagra áquella veneranda velhinha que ás vezes está sentada junto da varanda, de cans tão alvas como o lenço que as cerca. D'uma vez, ao passar-lhe á porta, vi que Domingos Leite afagava, n'um transporte de amor filial, o rosto de sua boa mãe. Não sei dizer a commoção que experimentei,

a impressão que tal scena me deu; sei apenas que momentos depois senti os olhos humidos...

Só quem perde, como eu perdi, os carinhos maternos, póde sentir e avaliar, a fundo, estes lances.

Se os aveirenses tivessem sabido aproveitar, para as camaras municipaes e legislativas, a actividade, aqui innegualavel, de Domingos Leite, decerto teriam lucrado vantajosamente. No parlamento, pelo menos, alguma cousa elle teria feito em prol de Aveiro,—o que nunca se viu n'aquellas celebres vinte e tantas candidaturas do heroe do *carapau*.—

Sei que os... *Kriticos* do retratado, que d'hora ávante tambem formarão na ala dos meus, manifestarão o seu rizo amarello e dirão cousas d'estarrecer um christão, ao toparem com este meu dizer. Embora! os cães tambem ladram, por vezes, á lua, e ella nunca lhes responde; segue, impavida, a sua derrota, illuminando o universo sem cuidar saber se a humanidade lhe é grata e affeioada.

Assim fará Domingos Leite. E eu.

E', pois, aquella, a minha opinião, e não sondo nem olho, por conhecer inoportuno, qual a posição social que elle hoje tem.

O facto d'elle ser, no conceito d'alguns pobres de espirito, «apenas um commerciante», como se os caracteres de inconcussa probidade se meçam pelas profissões e haveres! não importa ao caso, ainda que lhes peze. Felix Foure, o actual chefe da França, foi curtidor de pelles. E ainda hoje conserva a photographia que tirou, quando operario surrador, tendo á cinta um avental de couro com bem visiveis mostras da sua laboriosidade.

Para terminar direi que, Domingos Leite, a bem da sua terra, será capaz de fazer o que, em sentido inverso, disse João Rialto, (Guilherme d'Azevedo, fallecido) no «Album das Glorias» sob uma chromo-litographia representando o conde de Burnay: «*compra, vende, troca, empresta, põe, dispõe, impõe, repõe, fia, fura e faz!*»



O meu amigo e correligionario desculpará o eu trazer á tela da evidencia o que de todos é bem conhecido: as bellas qualidades que exornam o seu character, perante o qual, sempre depuz as manifestações do meu culto.

Aveiro—1896.

ADRIANO COSTA,



CRENAGEM

(EM BOTE)

«Sentido, Voga. Tudo a postos, gente...
Lancem o corpo para deante, e as pás
Só meias n'agua. Preparar... P'r'a frente...
Manso... mais manso... e todo o corpo atraz...

Estas manhaas são tonicos dos musculos...
Na ria, aqui, fabrica-se saude.
Eu tinha out'ora biceps minusculos
E hoje sinto-os co'o vigor d'um rude.

Aperta a voga. Vão p'ra Costa, á pesca,
Barcos de linha original, phinicia,
Panda-lhe as vellas uma aragem fresca...
Singram serenos com feição patricia...

Leva remos que vem passando rente
Um *moliceiro* a abarrotar de carga.
E' preciso cuidado co' essa gente...
Adeus»

«—Bons dias—»

Preparar e larga...

Rica manhã apperitiva e acre!...
Manchas vermelhas surgem no Nascente...
Manchas que são como borrões de lacre
Judicios certos d'uma calma ardente.

—«Os salve Deus»—

«Bom dia. Ides pescar?»

—«Vamos alli *botar* ao pé da Motta.»—

«Sêde feliz e adeus»

—«Eh! lá rapaz, a orçar...»

Isso... vae bem... arriba e caça *escota*...»

«Cia da ré c'uma remada boa...
 Voltemos. Voga!... Aperta e ria em fóra...
 Rema com força e puxa tudo à pròa...
 Bello andamento que elle leva agora.

Aveiro=1896.

VIDAL OUDINOT.

CHARADA NOVISSIMA N.º 2

A PREMIO

Amparado a um bordão vi em Nelas pescar um peixe
 —?—2.

A pessoa que primeiro enviar a decifração da presente charada, tem direito a um fac-simile da sua assignatura aberto em buxo pelo gravador José da Silva.

Observações de um gastronomo

Agora, que o regimen dietetico do dr. Kuhne ameça *diaphanizar-nos*, não vem fóra de proposito um lance de olhos retrospectivo, uma operaçãosinha de gastrotomia no estomago dos povos antepassados.

Para procedermos methodicamente, deveriamos retrahir-nos aos primeiros tempos da creação e, penetrando no Eder., devassar os segredos da cosinha paradisiaca.

Voltaire, porém, desobriga-nos d'esse longo passeio e difficil trabalho com dois versos do seu *Mondain* :

- Dessous un chêne ils soupent galamment
- Avec de l'eau, du millet et du gland;

Agua, milho meudo e bolota, sem fallar no fructo prohibido, que os Normandos querem que fosse a maçã e outros o figo ou o limão.

Nós inclinamo-nos ao figo, visto a tradição não con-

sentir que fosse a pera. Com uma ou duas peras era muito mais plausível a tentação. Assim, deve ter sido o figo, que é mais macio, mais doce e está mais em harmonia com o nó que, através das gerações, vem attestando o peccado.

Puro vegetarianismo, vê-se. Mas, se consultarmos a historia antiga subsequente, outra feição toma o problema.

Egyptios, Assyrios, Persas, Phenicios, Gregos e Romanos atiram-se ás carnes, a todas as carnes sem distincção, com appetite devorador.

Tres vezes comiam os Romanos. A' primeira refeição, que era constituida, ordinariamente, por pão e fructas verdes e seccas, chamavam *jentaculum*. Era o almoço.

Ao meio dia, correspondendo ao nosso *lunch* tomavam á pressa, mesmo em pé, amoras, peixe e vinho com mel. Era o *prandium*.

No fim do dia, depois do banho, quando todos os negocios tinham terminado, esperava-os a *cæna*, verdadeira e substanciosa refeição a que corresponde o nosso jantar.

Na magnifica *cænatio* ou *dieta* ostentava-se a vasta meza redonda, de erable ou marfim, coberta pela rica toalha bordada a ouro ou pelos tapetes da Asia e cercada de leitos incrustados de marfim, tartaruga e ouro.

Tres serviços constituíam a refeição. *Anteccæna*—rabanos, rabanetes, alface, escorcioneira, azeitonas, tomates, anchovas, salsichas, carne assada na grelha e ovos.

Para o segundo serviço, que era o de resistencia, dá-nos Bulengerus, na sua obra *De Cuviviis*, uma lista prodigiosa de que destacamos alguns pratos mais esquisitos: Faizão, tórdo, capão com molho de mel, toutinegra com molho de pimenta, papagaio, gallinhola, tetas de porca, perna de urso, tudo isto condimentado com molhos esquisitos, feitos com salmoira de atum e intestinos de cavalla, tuberas, cogomelos, etc., etc.

A' sobremeza ou *bellaria*, fructas verdes e seccas, greijo, dôces e confeitos.

Como se vê, não estamos hoje mais adiantados do que ha dois mil annos em sciencias culinarias. Na idade media novos animaes foram sacrificados á gula humana. O boi e o carneiro fizeram as delicias de Carlos Magno que, para o effeito, possuía trez mezas de prata massiça admi-

ravelmente cinzeladas, tendo uma representada Roma, outra Constantinopla e a terceira a terra conhecida então.

Nos tempos modernos, apesar das exhortações das sociedades de temperança e das lisongeiras promessas do vegetarianismo, a carne, esse implacavel inimigo do homem, triumphou. Aqui ou além um dessorado vegetariano prelecciona.

Ainda ha pouco um amigo, que por bem conhecido não nomeio, dizia encomiando o systema :

«Ha muito que eu sigo esse systema que agora querem impingir nos como novo — batatas com muito carneiro, ervilhas com muitos frangos, favas com muito presunto, feijões com muita orelheira, agua com muito vinho... e dou-me perfeitamente».

Antigos e modernos, Gregos e Troyanos teem sempre procurado retemperar a fibra e fortalecer o espirito, enterrando o dente e mais órgãos predestinados nas provocantes carnes.

E' dos livros.

17 — 10 — 96.

Alvaro d'Eça.



CHARADA DECAPITADA

Fui á - — ver uma — — mas deu-me tal — — por ver
uma — — a saltar no milho que a matei.



A TUA IMAGEM

Lá quando a rosa
Abre formosa,
Fresca de côr,
E é mui bella,
Tu mais do que ella,
És, meu amor.

Ah! só para ti,
Anjo, sorri
Este louvor;
Vê tu a estrella:
És mais do que ella,
Tens mais primor.

A ave pende
Do ramo, attende,
Escuta assás:
Razão que eu veja;
Tem ella inveja
Da tua voz!

E quando a lua
No céu fluctua,
Deusa a scismar! . . . ,
Vê tua a lua;
A luz que é tua
Tem mais luar!

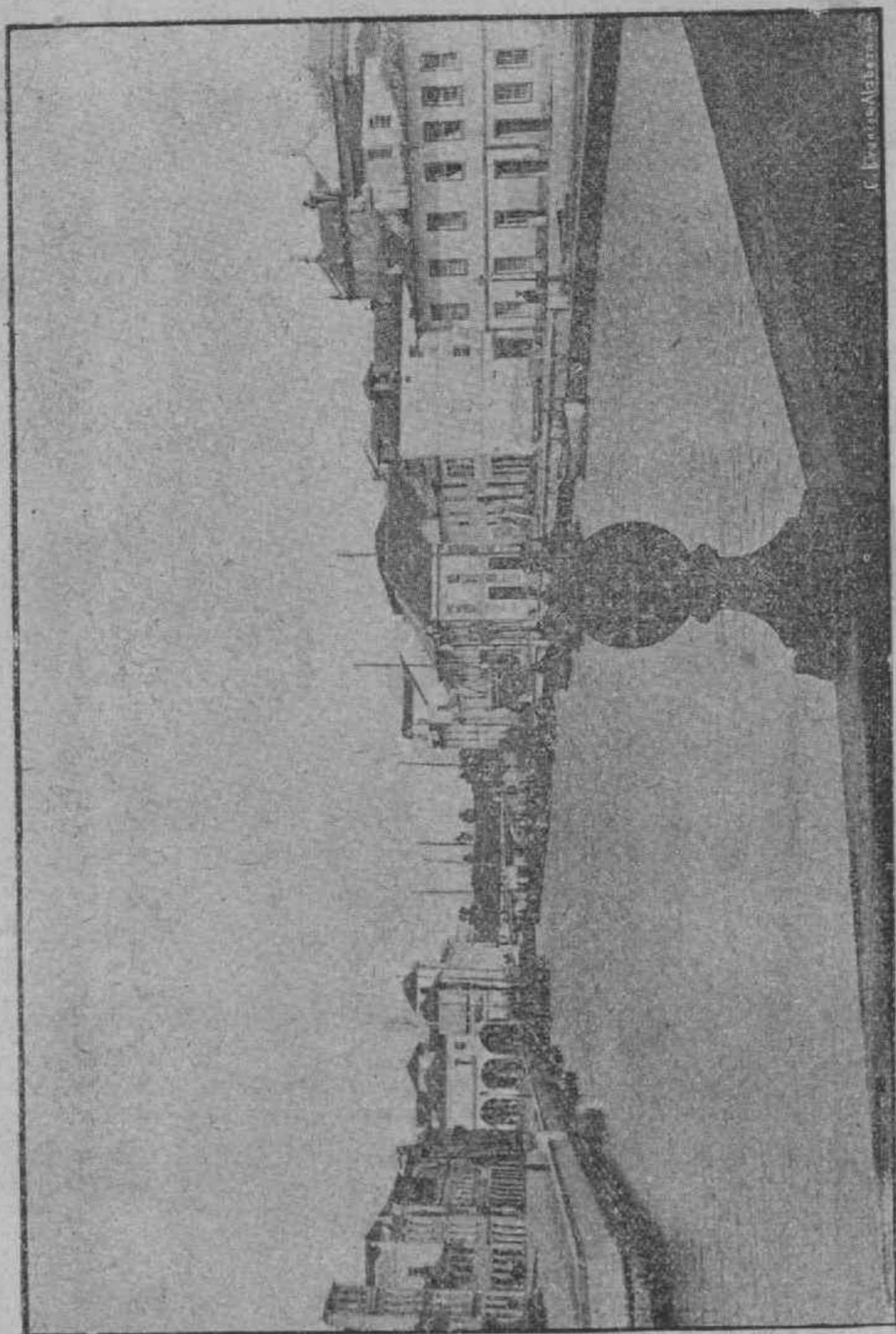
Senhor, senhor,
No meu amor,
Vê tu que eu
Julgo-a um anjo,
Algum arcanjo
Que o céu perdeu.

Ovar, julho de 96.

J. Almeida.



Um pae indo assistir a uma lição do filho.
— O que é physica? pergunta o professor.
— Então o meu filho está cá para ensinar V. Ex.^a ou
para V. Ex.^a o ensinar a elle?



Não venho fazer uma descripção mais ou menos promenorizada d'Aveiro; um tal trabalho demandaria tempo e desenvolvimento que não tenho nem me é permitido n'este lugar.

Não fallarei, portanto, do confronto que Latino Coelho fez chamando-lhe *Veneza de Portugal*; não fallarei do qualificativo de *Rotterdam iberico* feito pela penna do distincto publicista hespanhol Giner de los Rios; não fallarei mesmo do enthusiasmo com que Juliette Adam recorda os *barcos de prôa phinicia*, os *pescadores napolitanos* e o *bonnet vermelho de Masaniello symbolisado nos nossos barqueiros*, perante as más impressões d'Aveiro.

Deixarei todo esse vasto thema que se estende diante de mim, a historia, a geographia, a natureza, para apresentar simplesmente umas considerações que me são suggeridas agora, ao lembrar-me que Aveiro é uma cidade verdadeiramente poetica.

Sim, Aveiro é uma cidade onde a natureza se expande na mais pura e fluente poesia. Dir-se-hia que, como a Afrodite, nasceu das espumas do mar, das mesmas espumas de que nasceu o amor. A natureza dotou-a com todos os encantos. E' mesmo possivel que a comparação de Aveiro com Veneza fosse inteiramente justa se as gondolas da famosa cidade do Adriatico cortassem os nossos canaes com a suave melancholia do ceu de Italia.

Veneza teve o Bucentauro em que o doge celebrava o casamento symbolico da cidade com o mar. Aveiro, pode dizer-se que tambem teve, na tribuna, um navio de parada onde um doge, a figura genial de José Estevão, celebrava o casamento da cidade com o mar, insuflando-lhe o enthusiasmo dos grandes ideaes.

Digam o que disserem; Aveiro é profundamente poetico, embora nem sempre aqui se sinta poesia.

Misturam-se os sentimentos. A poesia é natural; o artificio é que traz a prosa. Ao sentimento poetico junta-se o sentimento prosaico das indifferenças ou discordias locais.

Deixarei o estudo physico e moral a quem tiver alma e cabeça para o fazer.

Por hoje, apresento aos leitores d'este almanach, um pequeno capitulo da paisagem, que não diz toda a belleza da cidade, mas que dá um tom de doce suggestividade a quem tiver olhos para ver e alma para sentir.

ACCACIO ROZA.

MORTA!

(SONHO)

Eu fui, dolente, magoado, triste,
Perdida a esp'rança já, de jámais ver-Te,
Vêr se podia um só—adeus!—colher-Te
Sobre esse campo em que a mudez existe.

Collei o ouvido à argilla, que reziste
A qualquer—ai!—que eu quizera dizer-Te...
Eras gelada e morta! E, merecer-Te
Assim, meu coração, ah! jámais vis-Te.

Lá, na mansão etherea da egualdade,
Onde jaz Teu espirito sublime,
—Essencia da Tu'alma, oh! divindade,—

Apagada esta luz dos olhos meus,
Irei juntar-me, irei, a Tua sombra,
Eternamente unir-me aos restos Teus!



VIVA!

(REALIDADE)

Meu Deus! Que horrivel sonho, que delirio!
Eu vi-A morta! Morta, a minha vida,
A vida do meu ser, a imagem q'rida,
Gelada, inerte, branca, como o lyrio!

E n'este tão doloroso martyrio
A minha pobre mente encandescida
Sentiu-se inquieta, febril, dolorida,
Ao sonhal-A jazida lá no empyreo.

Não foste! E vives! E jámais me esqueces!
 Para viver, sómente, enquanto vivas,
 A Deus eu rogo, em fervorosas preces:

«Quando Ella fôr, quando alar-se até 'hí
 Também quero ir, Senhor; quero morar
 Junto de Quem, na terra, só vivi!»

9—5—96.

IGNOTUS.



LOGOGRIPO POR LETTRAS N.º 1

A PREMIO

Ao meu presado amigo Abilio Marques

Ao primeiro charadista que enviar a decifração ao auctor
 receberá um livro scientifico proximo a sahir do prélo.

Mon ami un logogriphe
 Né es muy bueno desear
 Sinó despues de se tener
 Longa practica dos matar.

Em Portugal, Hespanha e França—9—2.
 El ave de mayor loor—8—7—3—7.
 Est ce, parece que la voix excede—4—7—3
 A' portugueza, em primor—6—7—8—10.

Por eso yo deci
 Il n'est pas très facile
 Quoiqu'il soit chanson
 Como trova pastoril.

NOTA.—As palavras compostas das letras indicadas no logogriphe são na mesma lingua do verso respectivo.

Aveiro—Costa de Vallade.

M. SANTOS COSTA.

Ao pôr do sol

Era na praia, um pouco antes da hora crepuscular. Vento aplacado, mar adormecido, ou levemente ondulado. A pairar, um silencio de consternação, apenas cortado pelo doce e brando marulhar das ondinas, e a formar antithese perfeita com o bulicio rodopiante e alegre dos banhistas, lá ao longe, no centro habitado.

Extendido na areia, a banhar o espirito nas ondas de melancholia do occaso, apenas diviso, lá adiante, n'um arenoso cabeça, sobranceiro á orla maritima, um vulto de mulher, erecto e immovel como uma estatua, e com o olhar fixo n'um navio, que já vae barra em fóra, sulcando, enfunado, o undoloso elemento.

Quem será tão singular personagem? Qual o motivo da sua estada alli, muda e solitaria, quando no povoado tudo era riso, folgares e jubilo?...

— Era o ultimo adeus d'uma desolada mãe, que sentia cortar-se-lhe o coração, com a ausencia do filho para terras sul-americanas, n'aquelle lenho cavado, que as ondas embalavam e a brisa impellia, e d'onde ella não podia despregar os olhos, rubrificados e aquecidos pelo calor das suas lagrimas, puras, sentidissimas, incomparaveis; lagrimas que resumiam um poema — o do amor materno; que compendiavam as licções d'um holocausto sublime — o do amor filial; que traduziam as esperanças n'uma ideia fixa — a da felicidade, ao longe; e synthetisavam o golpear continuo do mais inoportavel dos martyrios — o da solidade em que ficava.

— O desejo empolgante de melhorar as condições monetarias em terras de Santa Cruz; a indigencia actual e impassivel que abraçava e comprimia mãe e filho em seus tentaculos, flexiveis e longos; a ridente esperanza de melhoria, que lhe acenava, ao longe, do alto das graciosas palmeiras fluminenses; e a ideia consoladora d'uma pacifica senilidade, eis o que actuou no espirito do filho e activou a sua resolução, fazendo emmudecer no peito o grito espontaneo do amor filial, e recalcando bem para o fundo da

alma a dôr da separação, quem sabe? se talvez para sempre.

— Preparou-se; despediu-se entre lagrimas; levantou, á força de coragem, a ancora do amor que o prendia ao coração materno; e eil-o, mar em fóra, pungido, sim, pelo cruciante espinho da mais viva saudade, mas... olhos fitos no astro, que lhe reluzia no ceo azul da esperança...

— Heroica e inabalavel, qual rocha humana, mordida pela ardentia do sol da dôr, e assetteada pela furia indomita do vendaval da angustia... assim ella lá ficou, no serro arenoso, distendendo a vista pela amplidão afogueada e ondeante do mar, até que o casco, a ultima vela, o mastaréo, quasi imperceptivel, do navio se sumiu na extrema linha do horisonte!...

Começava então a noite a desdobrar o seu manto sobre a terra, negro como o tecto d'uma chossa e triste como a alma d'um justicado; e d'essa negridão e n'essa tristeza se embebeu e immergiu tambem o coração alanceado da pobre mãe.

— E por entre as caligens d'essa noite sombria, sem accordo talvez de si, mas revolvida pela mais desolante angustia, lá foi andando, caminho do seu casebre, seguindo-a eu a distancia, como que attrahido pelo doloroso magnetismo d'aquella alma, a diluir-se em maguas e saudades.

— Em frente a essa alma, pungida pela dôr moral e apunhalada pela desventura, de que servem esses principios ephemeramente seductores das escolas de Aristhenes e Zenão, — o estoicismo e o eynismo? que vale a philosophia, embora revestida das galas mais louçãs do estylo?... Taes principios, em vez de vitalizar, matam; em vez de infiltrar alentos, desanimam; em vez de irradiar a luz da esperança, obumbram o espirito com as trevas do desespero: e a philosophia, em lances de tamanha dôr, é arida, secca e fria, — arida como a urze da encosta, secca como o cardo do ermo e fria como o gelo do polo.

— A meio do caminho, porém, ella parou extatica. Circumvagou o olhar, e como que evocada por uma voz

inaudível, mysteriosa, dirigiu-se à ermida, que a defrontava, e que a essa hora ainda se achava aberta.

Entrou; e impellida por essa força grandiosa, alento unico nas grandes crises da vida — a crença, encaminhou-se para o altar da Protectora dos Desamparados. E, ao pallido bruxolear d'uma lampada, que illuminava o busto adoravel da Virgem, espalhando no pavimento sombras inquietas, ajoelhou; postou as mãos em attitude de orar; dirigiu o olhar supplice a essa Mãe modelo, incarnação proeminente do martyrio, e allivio supremo dos infelizes, e um ciciar brando dos seus labios, entrecortado de suspiros, bem denunciava a prece fervorosa d'aquella alma, exorando com certeza a intercessão da Virgem pelo que ia sobre as aguas do mar. E como que descançou, entregando-se, confiada e fortalecida, aos dôces braços da fé.

E eu, reverente e commovido, ajoelhei igualmente atraz d'ella. Confrangeu-se-me a alma, em face d'esse espectáculo, consolador e lugubre; o coração systolisou-se-me de enternecimento; e os olhos arrasaram-se-me de pranto!...

Passados alguns momentos d'uma doce ternura, pela contemplação de tão commovente quadro, levantei-me subtilmente; encaminhei-me para o palheiro, deixando-a lá entregue à oração, a esse colloquio ineffavel da alma, a essa inspiração intima da paz e da esperanza, que é o ponto centrico de todo o movimento animico, o balsamo suavissimo na desdita, o sustentaculo nas grandes catastrophes moraes, e a luz, o ar e a vida das almas infelizes, suffocadas pelo tisonado ciugulo da angustia.

P.^o BRUNO TELLES.

CHARADA INVERTIDA N.^o 3

Às direitas, quem s'espanta
Pesca o peixe, sim senhor.
Às avessas vês planta—2
Caça, caça, caçador.

ANGELUS

Avé Maria!... Assim o diz
a voz do sino.

Cheios de unção, cantae febris
preces d'amor, preces gentis
ao Deus—menino.

Avé Maria!... o sino canta
da terra aos ceus.

Nosso Senhor, que se levanta,
escuta a prece piedosa e santa
dos filhos seus.

Avé Maria!... orae, christãos,
ao pés da Cruz!

Rogae a Deus conselhos sãos,
erguei ao ceu as vossas mãos,
que é feita a Luz.

Avé Maria! à Tua dôr
nossa alma enlaça.

Avé Maria! Mãe do Senhor,
cheia de luz, cheia de amor,
cheia de graça!...

FIRMINO DE VILHENA.

Um cego tocador de rebeca, que tocava muito mal e fazia caretas, dava motivo a que os circunstantes se rissem.

Um filho pequeno, que o acompanhava, disse:

— O' meu pae vamo-nos embora, que estão à rir-se de vocemecê.

— Deixa rir, disse o cego, recebe o dinheiro e depois iremos nós rir-nos d'elles.

CHARADA N.º 5 (Novissima)

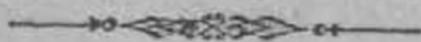
Um magistrado judeu caiu n'uma tina que continha mucilagem—3—1



O CONSELHEIRO

Manoel Firmino d'Almeida Maia

Conselheiro Manoel Firmino



Conheço-o desde criança e, apesar de haver militado já em campo opposto ao seu, tive sempre por elle o mais entranhado affecto. Hoje vejo no sr. conselheiro Manoel Firmino não só um amigo como os que o são, mas tambem uma das mais legitimas glorias da minha terra; em sua ex.^a reverenceio uma geração que finda com elle e de que é um dos mais lidimos caracteres, geração de homens que eu me acostumara a amar e a respeitar e de que, esta cidade se deve orgulhar de ter embalado ou aconchegado em seu seio, como foram:

Luiz Cypriano, José Estevão, Mendes Leite, Bento de Magalhães, Francisco Thon e José Pereira, Visconde de Almeida, Sebastião de Carvalho Lima, Agostinho Pinheiro, Carvalho e Goes e outros que hoje merecem o epitheto de cidadãos benemeritos do seu e meu querido Aveiro.

O snr. conselheiro Manoel Firmino nasceu do povo e vive para o povo. Tudo que é deve-o a si, não cursou lyceus nem academias mas foi até onde os que d'ellas saem poucos logram chegar. Iniciou a sua vida publica desempenhando as funções de regedor de parochia na Avanca, concelho de Estarreja, em 1843; no anno seguinte foi perseguido por conspirar contra o ministerio cabralista sendo um dos compromettidos da chamada revolta de Torres Novas; em maio de 1846 concorreu enormemente para a sublevação popular com que o districto de Aveiro secundou o movimento do Minho e, após a organização da Junta do Porto, em outubro d'esse anno, é nomeado tenente ajudante do batalhão nacional de Estarreja e, n'essa qualidade presta relevantes serviços á causa popular.

Em 1852 funda em Aveiro o *Campeão de Vouga* que transformado em 1859 em *Campeão das Províncias* é hoje o terceiro jornal politico na ordem da antiguidade que, se publica em Portugal. Neste ultimo anno é eleito presidente do municipio aveirense, á frente de cuja administração se conserva até 1869; escolhido pelos eleitores do circulo de Agueda para seu representante em cortes em 1851, representa depois ali, em 1865, a sua terra natal, sendo mais tarde, 1890, eleito par do reino pelo districto de Aveiro. De 1882 a 1888 cil-o de novo á frente do municipio; em 1886 é nomeado governador civil substituto d'este districto, de que se exonera em

1890. Por decreto de 10 de junho de 1886 é agraciado com a carta de conselho, tendo-o sido já por decreto de 9 de dezembro de 1880 com a medalha de ouro concedida ao merito, phylantropia e generosidade. N'este mesmo anno o governo francez envia-lhe a Cruz da Legião d'Honra e a Sociedade dos Salvadores do Havre o diploma e a medalha de seu membro honorario. Procurador em diversas epochas á Junta geral do districto, assume a presidencia da Commissão districtal de 1890 a 1891. Em dezembro de 1895 foi de novo eleito presidente do municipio aveirense e n'essa qualidade tem continuado a larguissima série de melhoramentos que iniciou quando em 1860 se encontrou pela primeira vez á frente da administração municipal e que o tornaram benemerito e hão de tornar sempre lembrado o seu nome como presidente da camara de Aveiro.

Seriam necessarias muitas paginas para innumerar os serviços prestados pelo sr. conselheiro Manoel Firmino ao concelho d'Aveiro, já como deputado já como presidente do seu municipio, mas como documento da sua rasgada iniciativa citarei apenas duas obras suas: o Jardim de Santo Antonio e o Quartel de Sá; do resto a que anda ligado o seu nome, direi que vale tanto ou mais que tudo que fizeram as vereações que o antecederam n'um periodo de meio seculo.

Marques Gomes.



SANGTA-KAABA

.....
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Anthéro de Quental.

Deixa que no teu collo eu poise esta cabeça...
Eu venho de tão longe, eu venho tão cansado,
Que, mesmo ao pé de ti, sou triste e estou calado,
Ancioso de esquecer, sem que de todo esqueça...

Se eu venho de tão longe e é doida esta cabeça!

Fita-me: é quanto basta. As rugas d'esta fronte
Dir-te-hão da minha Vida os lugubres naufragios...
E vae-me tu cantando,—Ave dos Bons-Presagios!
As horas do Porvir, sem que o Passado eu conte...

Que eu quero ver florir as rugas d'esta fronte!

E emballa-me: é tão suave o rythmo do teu collo!
Como um poema d'amor, recitado em segredo,
Assim teu collo se ergue e abaixa—quasi a medo...
E de sentil-o e ouvil-o eu todo me consolo:

Se é um poema d'amor o rythmo do teu collo!

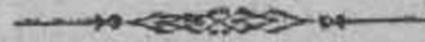
E beija-me: o teu labio é o Cofre dos meus Sonhos...
Que ao menos ao teu lado eu sonhe o que desejo!
Se o teu labio os fechou, d'olhos fechados vejo...
Alegram-se p'ra dentro os meus olhos tristonhos;

Que a tua bocca, ao fechar se, abre-me a porta aos Sonhos!

E deixa-me sonhar assim, no teu regaço,
 Enquanto arrulhas, Pomba! oh Lua, enquanto brilha!
 Sou um cego a quem vaes contando maravilhas
 Do Paraizo, aonde eu vou pelo teu braço...

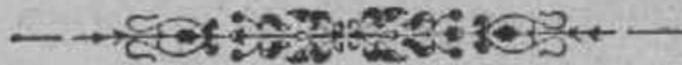
E eu vejo o Paraizo aqui—no teu regaço!

CARLOS DE LEMOS.



CHARADA INVERTIDA N.º 4

Às direitas estudante
 D'entre todos o mais mau.
 Às avessas qualquer ser—3
 Decifrou? foi morto a pau.



A orphã

«Que fazes tu, creança, á chuva, n'essa esquina,
 tranzida a olhar além?...»

Gomes Leal.

Pobre creança!...

A sua côr rosada que sobresahia nas faces mimosas,
 desapareceu por completo, restando-lhe sómente a sua
 côr trigueira.

Os seus labios de purpura, desmaiaram pouco a pouco
 ficando, como recordação, um amarello descorado.

O nariz, proporcionado fez-se desconforme pelo tene-
 broso frio que o arroxeara.

Os olhos scintillantes encovaram-se e já não brilham.

Os cabellos loiros que lhe cahiam soltos pelas espa-
 duas emurhecera e desbotaram-se.

As mãos mimosas mirraram-se-lhe consideravelmente

Pobre Judith!

Orphã aos treze annos... Triste vida!

N'este mundo de illusorias esperanças sem um pae, mãe ou amigo!... Oh! quanto hão-de custar os tormentos da mendicidade!...

* * *

Foi r.uma manhã d'inverno.

O sol doentio, não podendo resistir á immensa neve que se alastrava pelos campos verdejantes, conservava-se escondido no hemispherio.

N'um volver d'olhos descortinei atravez da vereda a atmospheria negra, horripilante.

As aveziinhas tiritando, esvoaçavam por entre as arvores nuas e agglomeravam-se nas urzes já seccas. De subito surge o clarão d'um relampago e logo depois ouve-se um estampido formidavel. Paira uma medonha trovoadá que nos invade o coração pelo terror.

As bategas d'agua que acompanham o bramido, assombram toda a humanidade reciprocamente consternada.

Na maior furia tempestuosa vi atravessar em direcção a uma esquina uma pobre de roupagens esfarrapadas.

Para soluçando.

O corpo dilacerado pelas geadas apanhadas ao relento mostrava-se por entre os numerosos rasgões.

Momentos depois as chuvas cessaram; e n'este comenos abeira-se da mendiga um guarda civil que ordena o sahimento d'aquelle logar.

Ella, tiritando, caminha a passos vagarosos para uma outra esquina mais erma olhando de quando em quando em redor de si.

A pobre era Judith!

Os meus olhos ao fitar aquella candida alma arrasaram-se de lagrimas e pronunciei: — Pobre creança!...

De repente uma syncope me prostrou, tal foi a minha consternação.

Após alguns momentos recuperei os sentidos mas já nada havia.

A atmospheria mostrava-se limpida. O sol ia a caminho do poente com os seus raios brilhantes.

Finalmente, a orphã tinha abandonado o seu posto,

refugiando-se no cemiterio, onde no dia immediato exhalou o ultimo suspiro.

Hoje, quem a fôr procurar no cemiterio, encontrará n'uma cruz o seguinte epitaphio:

«No mundo viveste como ave perdida
No bosque sem paes, sem ninho, ho, anjo meu!
Mas que importa?!... Assim com essa ingrata vida
Timida esmolando, tu ganhaste o ceu!»

SILVA OLIVEIRA.

ENYGHIA

Posso ser homem ou dama
De força que deite brado,
Star no navio ou na cama
De metal não trabalhado.
No lenço feita de trama.
Ou no escudo afidalgado,
—Duas syllabas não mais
Tres letras só lhe encontraes.

BISADA

A pequena—3
ni
E' homem—2

CHARADAS N.^{os} 6, 7, 8, 9 e 10 (Novissimas)

Aqui teima-se e teima se sempre—1—2
Este passaro em Java é duende—2—1
Este animal é animal no ceu—2—1
N'este barco vejo uma ave a trinar uma ballada—2—2
Este madeiro, nota, é nome de mulher—1—1

INGRATA...

Quiz ha pouco a minha musa
—Que lembrança peregrina!—
Divorciar-se de mim,
Doutorar-se em medicina;

E disse em ar zombeteiro,
Com ademanes patheticos:
«Sabes? E' só p'ra curar
Os teus abortos poeticos...»

Mas, como eu risse do caso,
A traquinas, vil ingrata,
Passou com toda a bagagem
P'rá escola nephelibata,

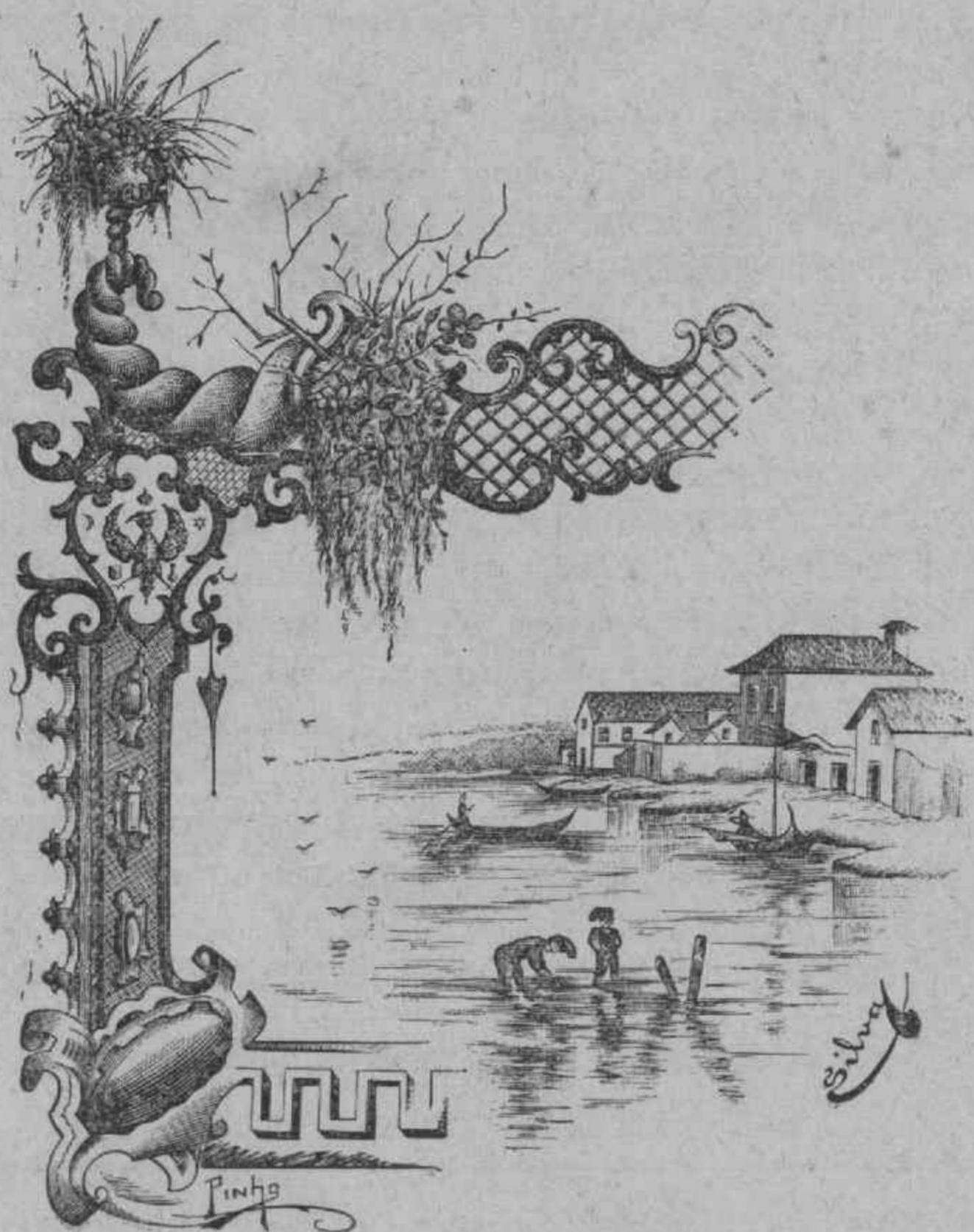
Oliveirinha — Setembro de 96,

ABILIO MARQUES,



CHARADAS N.ºs 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 (Novissimas)

Aqui este oriental do Cabo anda em navio—1—1—1
Olhei para a palmeira e vi um instrumento—1—2
Pare, seu coxo, olhe o sapato—1—2
O africano em Berlim usa verniz—2—1
Esta planta com fermento forma planta—2—2
Caminha uma mulher para a provincia—2—3
O africano corre para o tribunal—2—2
A primeira além estudava esta mulher—1—1—2
A criada estudava a senhora—2—2



PAYSAGENS DA MINHA TERRA

N'estas casitas pobres, n'aquelle barco ensecado na praia e n'este outro, véla amainada e mastro ainda erguido, no pescador lavando a rêde e n'essas aves que vôam quasi á flôr das aguas cal-

mas, alguém verá um quadro singelo, d'uma singeleza que toca a vulgaridade e naturalmente se desprende de toda a arte. Mas para quem sentiu bem de perto o contacto das cousas que esses poucos traços representam, a estampa transforma-se e, reproduzindo-nos na lembrança uma infinita série de impressões, dá-nos um quadro de uma extraordinaria largueza.

Não fallo agora do que elle possa significar como memoria de vida social, do que valem essas aguas, esses barcos, essas modestas casas e esse humilde pescador como factores de riqueza e como elementos da vida humana. Só isso seria um poema de labor e de rudeza, casados n'uma união íntima e superior com a belleza physica e a harmonia moral. Não, d'isso não fallo; um dia encontrará quem o saiba contar, mas não quero eu tocar-lhe, certo, como estou, de que as minhas palavras nunca saberiam dizer o muito que ao meu espirito um profundo affecto tem revelado. Quero só referir-me á belleza da paysagem, surdo a todas as sereias que povoam essas formosissimas praias.

A paysagem d'Aveiro é assim: não tem linhas, aqui e além, uma casa, uma véla, a cupula d'uma egreja, os montes distantes, no extremo horizonte; uma grande largueza em que o céu e as aguas quasi se confundem; e todavia prende-nos, captiva-nos d'um modo invencivel. Porque? Pela suavidade e pela constante transformação. N'esta atmospheria impregnada de humidade, tudo se modera, a luz viva e as cores intensas; e ao mesmo tempo e pelo mesmo motivo ás cambiantes não tem fim em tão rico prisma. D'ahi o nosso deleite.

Nada nos fere, nem cores, nem linhas, tudo se attenua, e nada nos cansa porque toda a impressão é breve; os sentidos não cessam de ser acariciados.

Talvez ahi esteja uma das mais poderosas razões porque a gente d'Aveiro tem tamanha difficuldade em deixar a sua terra. E' que esta ventura, este perenne ambiente de suavidade, é raro e talvez unico em Portugal,

Dezembro de 1896.

Jayme de Magalhães Lima.

CHARADA N.º 20 (Novissima)

Aqui o cabello serve de touca ás viúvas—1—2

PERDÃO

Pedi-lhe perdão, julgando
que a offensa fosse leve.
Não quiz dal-o... Paciencia...
Eu cá o fico esperando...
Novamente o peço e deve
mandar-m'o Vossa Excellencia,
se não quer que vá pensando
que coração nunca teve,
que é do odio a quint'essencia,

Aveiro—Abril 94,

E. V.

CHARADA N.º 21 (Novissima)

Gira e anda á volta da salla—2—1

EL-REI DINHEIRO!...

AOS DESPROTEGIDOS

N'um soberbo palacio um *sér* humano habita,
 Rodeado de christaes;
 Alli não ha ninguem que tenha frio ou fome,
 Ou soffra catharraes.
 Só ha um mar sereno, um ceu tranquillo e bom,
 Sem sombra de nevoeiro;
 Só brilha alli a clara luz de pleno dia
 E um deus:—EL-REI DINHEIRO!...

A crise é grande! e *alguem... alguem* vae engordando,
 N'um gosar louco e cego,
 Enquanto os proletarios vão, para comer,
 Dar a camisa ao prego...
 Não teem estes inf'izes por simples abrigo
 Um velho pardieiro;
 O lar é frio, sem luz; no leito ha palha pôdre...
 E... viva EL-REI DINHEIRO!...

Alguem vae ás caçadas, aos touros, ás operas,
 Gastando... os *rendimentos*...
 Mas os que não teem pão... esses vão emigrando...
 Vão aos centos! Aos centos!
 D'um lado ha um montão de sebentos andrajos,
 Nojento lamaceiro!
 E do outro, que contraste! ha sedas, ha brilhantes,
 Impéa EL-REI DINHEIRO!...

Um ricoço passeia, ás vezes, na Avenida;
 Bem perto espera o carro;
 E um sujo, um rôto, espreita... espreita... a ver se engeitam
 A ponta d'um cigarro...

N'este ha o luto, a magoa, a fome, a dôr acerba,
 Que misero rafeiro!
 N'aquelle ha só o rizo, porque alli existe
 Um deus: — EL-REI DINHEIRO!...

Emquanto nas *soirées* dos titular's bojudos
 Bom ouro se consome,
 P'las viellas immundas os tristes op'rarios
 Cahindo, vão, de fome!
 E a crise é grande! E *alguem* tritura a nossa pelle
 Alegre e galhofeiro!
 Esmolam os famintos, sem pão, sem trabalho...
 Mas... viva EL-REI DINHEIRO!...

Aveiro, XI.º de 96.

ADRIANO COSTA.

CHARADA N.º 22 (Novissima)

Duas vezes no chão é do xadrez —1—1

RECORDANDO

Sôa nos ares a terceira badalada; um ultimo abraço, e salto para dentro da carruagem. Um apito estridulo, seguido de um silvo prolongado da machina, com modulações cadenciadas, e lentamente, sacudidamente, com um barulho intermitente de choque, o comboio começa a pôr-se em movimento. A estação vae ficando para traz, e com ella o ultimo amigo a quem fallei nos abraços da despedida...

Olhando distrahido, n'essa distracção nervosa de uma dôr subita, pelas vidraças, eu vi desenrolar-se a meus

olhos o vulto sombrio de Aveiro que negrejava lá em baixo, com pontos tremoluzindo raros e a custo na escuridão da noite.

A um lado a capella e fonte de S. Thomaz de Aquino destacavam-se nitidas no planalto das Agrads, dominando o valle que se estende até a linha ferrea. Mais em baixo entrevia-se a Fabrica da Fonte Nova e a Ponte; mas tudo isto passou com a rapidez de uma visão, devorada pela velocidade crescente do comboio. E a locomotiva arrastando-me sempre, atravessou em breve a estrada de S. Bernardo, lançando-se ousadamente em pleno campo...

E agora, reclinado nas almofadas, com o olhar immutavelmente fito na rede fronteira, o meu espirito, recuando até aos tempos do Lyceu, reconstruia as scenas dispersas ali pela *linha de ferro* vinham-me á memoria os dois companheiros predilectos de então, hoje doutorados, e todo esse Passado me sorria atravez das nebulosidades do Tempo que nos distancia...

As ferias de ponto passeadas de madrugada até á noite, as immensas caminhadas, as aventuras galantes por nós surprehendidas, tudo isso vinha á tona das minhas recordações, mergulhando-me n'uma *révasserie* deliciosamente amarga. E o meu espirito devaneava, devaneava sempre, em espiraes convulsas de nostalgia, enquanto o dragão de fogo, resfolegando ruidosamente com os seus pulmões incandescentes de aço, corria, corria sem parar, vertiginosamente, atravez dos campos onde o Outomno punha, á luz da lua que surgio no oriente, desolações amarellecidas de morte...

Lisboa, 8 — X — 96.

ELIAS CARVALHO.



BISADA N.º 2

Para fumar—3
chim

E' uma corda—2

A José Estevão

Levava apoz de si — Orpheu da liberdade —
 No encanto da palavra o espirito e a vontade,
 Como um vento que leva as folhas d'um olmeiro,
 Neste homem tudo foi viril e verdadeiro:
 Onde existesse um erro, um despotismo, um crime,
 Lá estava aquella voz vibrante, audaz, sublime
 A combatel-o em face e a erguer pelo direito
 — Missionario da luz — um culto em cada peito.
 A sua grande força, a sua inspiração
 Vinha lhe toda á flux do immenso coração,
 Do forte coração activo e generoso,
 Que nunca conheceu rancor victorioso,
 Tudo n'elle era grande: a palavra, o talento,
 A voz, o entusiasmo, a fôrma, o pensamento,
 O culto do dever, o amor da liberdade,
 A indole leal e a franca simplicidade
 Do seu coração d'ouro, ao qual toda a victoria
 Augmentava a bondade—esta suprema gloria—.
 Politico de ideia, abominava a intriga
 —Cabala que transforma a politica em briga
 De egoismos brutaes — Character franco e aberto
 Combatia de pé e a peito descoberto
 Despreoccupadamente, E assim em quanto os fracos,
 Os habéis, os subtis os nullos e os velhacos
 Subiam em tropel a escada do poder,
 Elle ficava sempre em baixo a combater,
 Tranquillo, colossal, forte, sereno, austero,
 Como um guerreiro antigo, ou como um heroe de Homero.

 Depois veio a justiça inflexivel da historia
 E, envolvendo na luz da sua immensa gloria
 O simples combatente, o forte luclador,
 Ergueu-lhe um pedestal todo feito de amor,
 E amarrou ao escarneo — o pantheon dos fracos —
 Os habéis, os subtis, os nullos e os velhacos.

Figueira=Abril de 1881.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

ANNUNCIOS